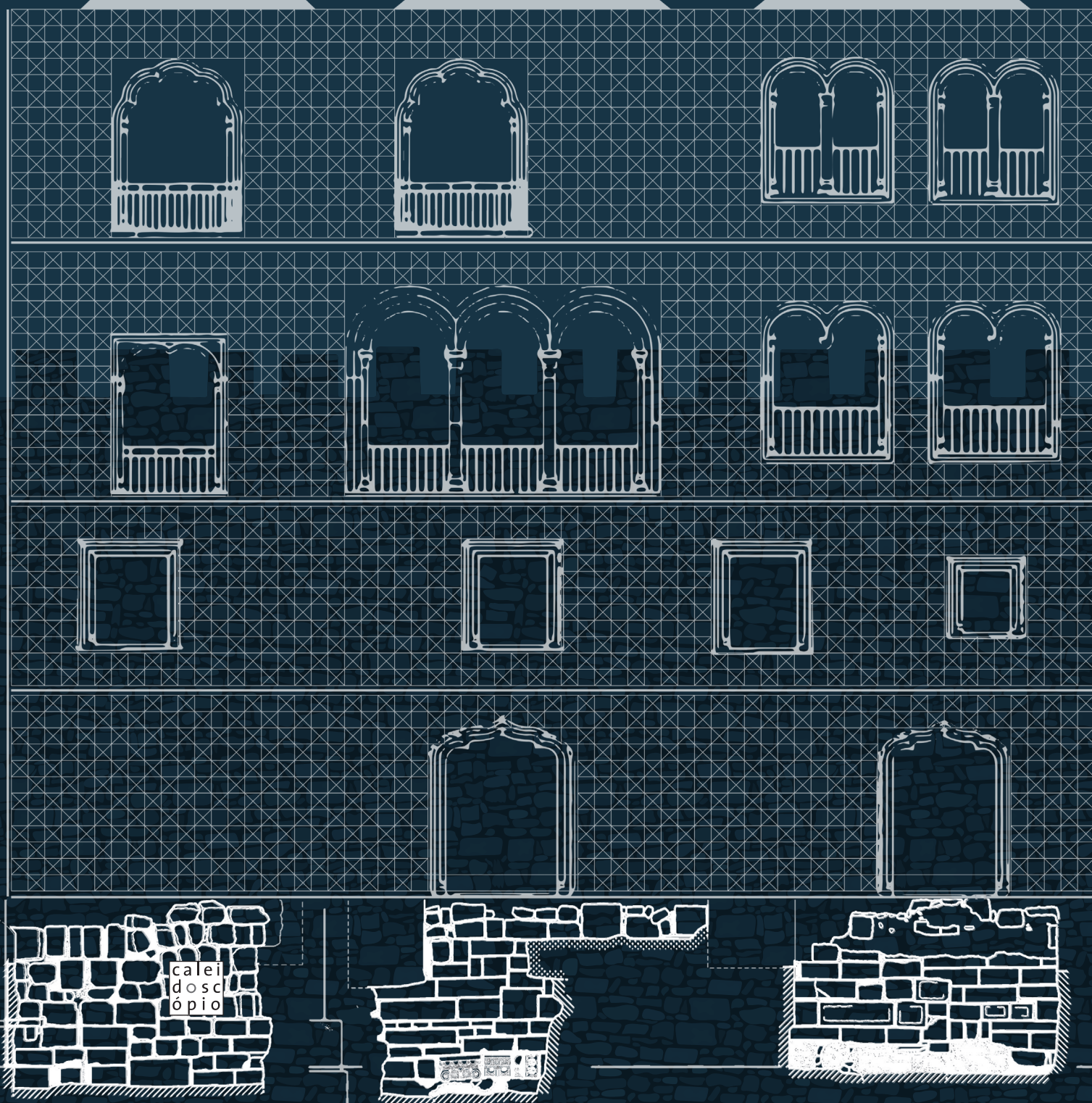


LISBOA
ROMANA — FELICITAS IULIA OLISIPO

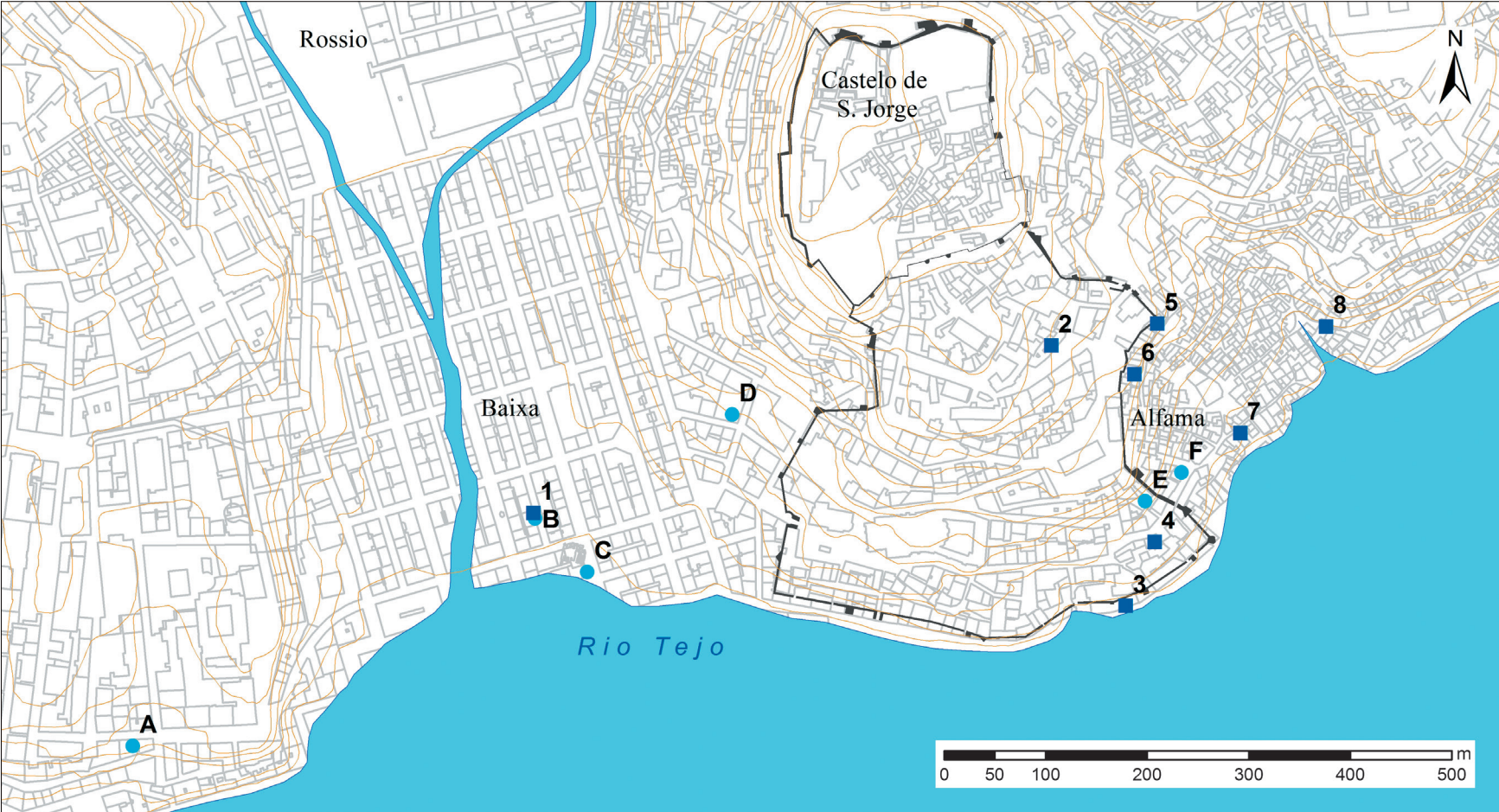
A Morfologia Urbana

CARLOS FABIÃO
Coordenação Científica



Sumário

7	Apresentação	92	O abastecimento da água em <i>Olisipo</i>: dúvidas e certezas
8	Nota Introdutória		JESÚS ACERO PÉREZ
10	Introdução	102	A gestão dos resíduos na Lisboa Romana
	CARLOS FABIÃO		JESÚS ACERO PÉREZ
14	<i>Felicitas Iulia Olisipo</i>, mais do que uma cidade entre o Mediterrâneo e o Atlântico	116	Referências
	CARLOS FABIÃO	126	Lista de Autores
28	A estrutura urbana da cidade portuária		
	NUNO MOTA; PEDRO VASCO MARTINS		
46	As muralhas de <i>Felicitas Iulia Olisipo</i>		
	VICTOR FILIPE; MANUELA LEITÃO; VASCO LEITÃO; NUNO NETO; PAULO REBELO; RICARDO RIBEIRO		
72	Criptopórtico: arqueologia e arquitetura de um equipamento portuário		
	ANA CAESSA; NUNO MOTA; PEDRO VASCO MARTINS		



- | | | | |
|---|---|----------------------------------|---|
| Antiga linha da costa | 1. Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros | 5. Rua Norberto de Araújo, 21-29 | A. Rua Vitor Cordon |
| Cerca moura | 2. Rua de Santiago | 6. Rua Norberto de Araújo, 9 | B. Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros |
| Curvas de nível (5m) | 3. Antigos armazéns Sommer | 7. Alcaçarias | C. Criptopórtico da Rua da Prata |
| Edifícios atuais | 4. Rua de São João da Praça | 8. Rua da Regueira | D. Termas dos Cássios |
| Edifícios termais | | | E. Beco do Marquês de Angeja |
| Estruturas hidráulicas de captação e/ou armazenamento | | | F. Rua da Adiça |

O abastecimento da água em *Olisipo*: dúvidas e certezas

JESÚS ACERO PÉREZ

Em Época Romana a disponibilidade e o usufruto da água converteram-se num elemento essencial do modo de vida urbano. Esta era requerida não apenas para cobrir as necessidades básicas, mas também para outros usos de tipo ritual, social, higiénico, produtivo e inclusive ornamental. Graças ao desenvolvimento da engenharia hidráulica e, em especial, à construção de aquedutos, foi possível assegurar o fornecimento deste recurso vital que constituiu, sem dúvida, uma componente básica da nova *civilitas* que representavam as cidades de Roma.

Como ponto de partida refira-se que um dos principais fatores tido em conta pelos agrimensores romanos na eleição dos lugares onde estabelecer os aglomerados urbanos diz respeito, precisamente, à presença de água. Neste sentido, a localização de *Olisipo* na encosta sul da colina do Castelo de São Jorge oferecia, desde logo, inegáveis vantagens, não só por estar orientada para o estuário do Tejo, ou por ser a vertente mais ensolarada, mas também pela abundância de fontes naturais de água.

Assim sendo, a análise do abastecimento da Lisboa romana implica que se avalie, em primeiro lugar, a abundância de água que existe na encosta meridional do Castelo, tanto subterrânea como na forma de nascentes que se

concentram, sobretudo, no sopé da colina. Estas últimas dizem respeito às águas de Alfama, aproveitadas ao longo do tempo como águas termo-medicinais e para outros usos, incluindo o consumo humano (Ramalho e Lourenço, 2006; Oliveira, 2008). Em Época Romana, à semelhança de períodos históricos mais recentes, é muito provável que tais recursos hídricos já fossem utilizados, conquanto sejam escassos os vestígios que o certifiquem (FIG. 1). Por ora, algumas das estruturas documentadas correspondem a tanques cobertos por *opus signinum* (uma argamassa de cal com funções impermeabilizantes) ou a cisternas abobadadas, sem contexto urbanístico bem definido, sendo difícil determinar até que ponto estão vinculadas à captação das águas do terreno e não a outras funções, como por exemplo, a recolha e armazenamento da água da chuva. Tal é o caso dos dois tanques localizados na Rua de Santiago (Miguez e Sarrazola, 2017) ou a parede revestida a *opus signinum*, com vestígios do arranque de uma cobertura abobadada, documentado na Rua de São João da Praça, junto à Mãe de Água do Chafariz d'El-Rei (Filipe e Leitão, 2014), além de outras estruturas em posição extra-muros, nomeadamente, um tanque detetado nas Alcaçarias (agradecemos a gentileza desta informação a Manuela Leitão, responsável da intervenção arqueológica realizada no local)

FIG. 1

Planta de Lisboa com a localização das estruturas hidráulicas romanas de captação e/ou armazenamento de água e dos edifícios termais (elaboração própria a partir da planta de reconstituição de *Olisipo* proposta por Silva, 2011, p. 204, Fig. 1).

e uma cisterna localizada na Rua da Regueira (Silva, 2012, p. 323) (FIG. 1).

Outros elementos, como os poços, que efetivamente indicam um aproveitamento das águas do subsolo, afiguram-se pouco numerosos. De facto, até à data só conhecemos dois casos de adscrição romana que foram alvo de publicação. Um deles, situado no *suburbium* ocidental, formava parte do complexo industrial de preparados piscícolas descoberto no local onde se conserva o *Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros*, se bem que o poço tenha sido desativado aquando da construção no século III d.C. das termas pertencentes a uma estrutura habitacional anexa à área fabril (Bugalhão, 2001, p. 62). Já o segundo caso, localizado nas escavações dos antigos armazéns Sommer, integrava um conjunto hidráulico construído junto à face interna da muralha romana tardia e com acesso a partir de uma via limítrofe. Este conjunto, que representaria um importante ponto de abastecimento hídrico na *Olisipo* Tardo-Antiga, encontrava-se formado pelo dito poço e por um fontanário — uma imagem deste conjunto pode ser observada neste volume no capítulo dedicado à gestão dos resíduos urbanos. No que se refere ao poço, constitui uma obra estranha, pois corresponde ao aproveitamento de uma estrutura abobadada anterior de função desconhecida, talvez um criptopórtico, segundo interpretam, com reservas, as suas descobridoras (Gaspar e Gomes, 2017). Em Época Tardo-Romana o interior desta “sala” foi entaipado a sul e a sua abóbada perfurada pela abertura do dito poço, cuja boca, de planta quadrangular, foi construída com quatro blocos pétreos reaproveitados, entre eles um grande friso decorado (Gaspar e Gomes, 2017; Ribeiro *et al.*, 2017, p. 236). Desconhece-se de que modo chegaria a água ao interior desta estrutura, se bem que se considere que seria abastecida a partir do nível freático (Ribeiro *et al.*, 2017, p. 236). Tal sistema de captação e armazenamento hídrico ainda continuou a funcionar

em Época Islâmica, altura em que foi refeita a boca do poço (Ribeiro *et al.*, 2017, p. 233-234), só sendo alvo de entulhamento já no século XV (Gaspar e Gomes, 2017).

Quanto ao fontanário, manteve-se em uso até meados do século VII (Gaspar e Gomes, 2017). Apresenta-se construído em alvenaria de pedra irregular, correspondendo ao modelo de tanque retangular com fecho em abóbada de volta inteira. O interior, como era costume neste tipo de estrutura hidráulica, está impermeabilizado com um revestimento de *opus signinum*. Foi ainda identificado um troço do cano de alimentação de água provindo de norte, sendo desconhecido o ponto de captação, embora seja provável que tivesse origem em nascente ou aquífero existente nas proximidades (Ribeiro *et al.*, 2017, p. 237). Neste sentido, estaríamos perante um caso similar ao fontanário monumental localizado na fachada meridional do criptopórtico do *forum* da antiga *Æminium*, atual Coimbra, onde este equipamento hidráulico se encontrava abastecido por uma galeria que se estendia sob o próprio criptopórtico, captando de um provável veio ou curso de água ali existente (Carvalho *et al.*, 2010, p. 80).

Na zona média da encosta do Castelo de São Jorge, designadamente, a partir da escavação realizada na Rua Norberto Araújo n.^{os} 21-29, foi proposta a identificação de outro sistema de aproveitamento de águas de infiltração (Carvalhinhos, Mota e Miranda, 2017, p. 324-327). Este era constituído por um recinto semi-circular envolvendo uma pequena torre adossada à muralha Alto-Imperial, cuja base integrava um pequeno dreno que captava as águas de escorrência interna existentes do outro lado da muralha (FIG. 2). Defronte da torre, o dreno tinha continuação numa caleira de tijolo, alinhada com o vão de acesso ao muro que definia o recinto envolvente, através do qual a canalização se encaminhava para o exterior. Esta provavelmente estaria ligada a outro canal de

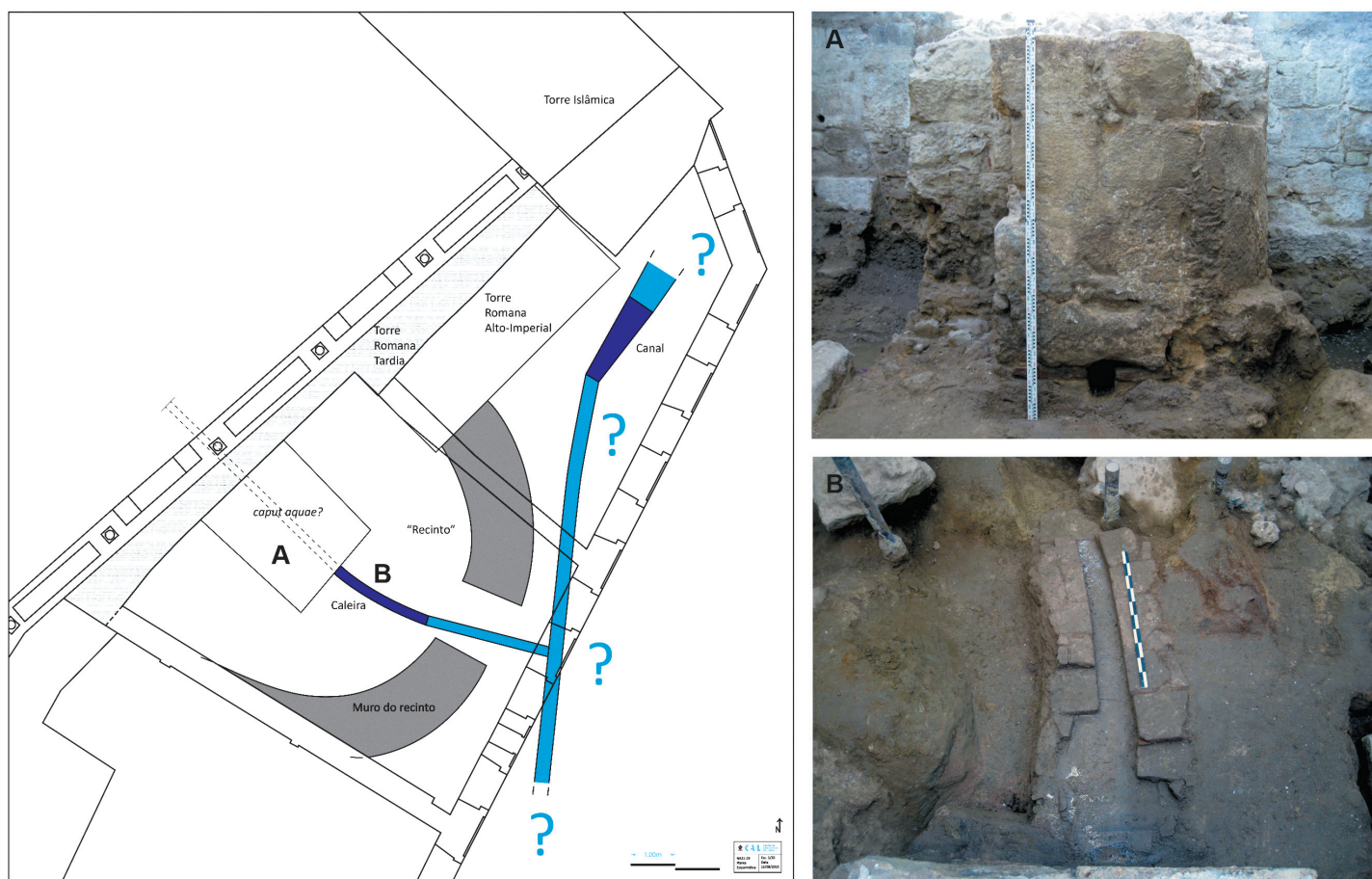


FIG. 2

Reconstituição hipotética do conjunto hidráulico detetado na Rua Norberto de Araújo, n.º 27-29 e fotografias de alguns dos seus elementos: A) torre adossada à muralha Alto-Imperial, com o dreno de captação interno; B) prolongamento da caleira no exterior da torre (imagens publicadas em Carvalhinhos *et al.*, 2017, p. 326-327, figs. 26-27).

maiores dimensões, do qual se encontrou um pequeno fragmento a poucos metros, situado a uma cota superior, o que revela um encanamento de água noutro ponto mais elevado da encosta. O destino final desta rede hidráulica é uma incógnita, apesar de ter sido proposto, como hipótese, que se prolongaria, seguindo a encosta alguns metros mais abaixo, até ao n.º 9 dessa mesma rua, onde foi identificado um tanque de captação e de aprovisionamento de água de Época Moderna, bem como o fundo do que parece ser um tanque de Época Romana construído em *opus signinum* (Carvalhinhos, Mota e Miranda, 2017, p. 328-329). Lamentavelmente, o estado incompleto e fragmentado dos achados impede mais considerações a este respeito (FIG. 2).

Mas será que tais recursos hídricos eram suficientes para cobrir todas as necessidades de uma cidade romana? Provavelmente não. Desde logo porque numa cidade como *Olisipo*, considerada como a “capital marítima” da Lusitânia, as exigências na disponibilidade de água seriam muito elevadas para cumprir os mais diversos fins (Grilo, 2018). Os dois grandes edifícios de espetáculos conhecidos até agora, nomeadamente, o circo e o teatro, demonstram, por exemplo, a necessidade de dispor de grandes quantidades de água enquanto recurso decorativo e cenográfico. No primeiro, são célebres as duas estátuas-fontes de silenos ébrios que formavam parte da rica decoração do *proscenium* (Fernandes, 2018). Os silenos, representados em posição



FIG. 3

Barragem de Belas (créditos fotográficos: © Guilherme Cardoso, 2010).

tombada devido à embriaguez, estão recostados sobre um odre de vinho de cuja boca saía um jato de água, previsivelmente em débito constante, pelo menos durante o tempo que durassem os espetáculos. Quanto ao circo, os restos identificados, no atual Rossio, correspondem a parte da pista e da *spina* ou barreira central em torno da qual competiam os atletas em carros puxados por cavalos (Vale e Fernandes, 2017). O revestimento superior desta estrutura, em *opus signinum*, indica que estava encimada, como é habitual neste tipo de edifícios, por um grande tanque ou *euriplus*, dividido em várias secções longitudinais, eventualmente duas seguindo o modelo de *Augusta Emerita*, a capital provincial. Estes tanques deveriam criar um efeito de espelho de água do qual emergiam visualmente as estátuas e os monumentos que costumavam integrar a decoração da *spina*. Saliente-se que para encher estas bacias era necessária uma quantidade considerável de água, só possível

através de um aqueduto ou de um canal de derivação que captasse as águas, por exemplo, de uma das duas ribeiras, a de Valverde ou a de Arroios, que confluíam no esteiro da Baixa.

Também conhecemos um conjunto já considerável de seis edifícios termais, que, para lá dos fontanários públicos, eram os principais destinatários da água nas cidades romanas (FIG. 1). Dois deles têm um carácter público e monumental: as denominadas Termas dos Cássios (Silva, 2012) e, segundo a interpretação mais recente, o edifício que se situaria na plataforma superior do criptotórtico da Rua da Prata (Mota e Martins, 2018). Ambos os complexos termais, pela sua natureza e dimensões, exigiriam para o seu funcionamento um grande caudal de água permanente. Os outros, pese embora sejam difíceis de caracterizar devido à parcialidade dos restos documentados, parecem constituir edifícios de carácter privado. Localizam-se respetivamente no *Núcleo Arqueológico da*

Rua dos Correeiros (Bugalhão, 2001), na Rua Vítor Cordon (Valongo e Pimenta, 2017), no Beco do Marquês de Angeja (Filipe e Calado, 2007) e na Rua de Adiça (Filipe e Santos, 2017). Conquanto seja possível que em alguns destes edifícios, sobretudo nos dois últimos, localizados em Alfama, o fornecimento hídrico fosse realizado pelos aquíferos naturais existentes na zona, não foram detetados, até agora, quaisquer vestígios arqueológicos que confirmem tal possibilidade.

As instalações industriais integram, de igual modo, o rol dos grandes consumidores de água nas cidades romanas. Destaque-se, no caso de *Olisipo*, as unidades de transformação de preparados piscícolas, dispersas pela fachada ribeirinha e pelo esteiro da Baixa, que representavam um dos principais motores económicos da cidade. É frequente a referência por parte dos estudiosos deste tipo de complexos fabris à necessidade de grandes quantidades de água doce no desenvolvimento das atividades que lhe estão associadas, não apenas para a limpeza das instalações e do peixe, mas também como ingrediente para as conservas (Bernal, 2005). Sabe-se que existiam, pelo menos, três modelos de abastecimento segundo as condições de cada lugar: através de poços, de cisternas ou de aquedutos. Assim sendo, não deixa de ser significativo que, nas cidades dotadas de aquedutos, as unidades fabris não dispusessem de outros meios de abastecimento alternativos, salvo raras exceções. Curiosamente, em *Olisipo*, apesar do importante número de *cetariae* até agora conhecido, não foi detetada qualquer cisterna, sendo apenas conhecido o já referido poço do *Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros* (Bugalhão, 2001, p. 62).

Por outro lado, além das exigências intrínsecas a um fornecimento de água contínuo e estável ao longo de todo o ano, somavam-se as dificuldades técnicas associadas à exploração dos aquíferos *in situ*. Neste sentido, importa referir que as nascentes se concentram na

zona baixa da colina do Castelo de São Jorge, pelo que não poderiam abastecer a maior parte da área urbana, que residia a uma cota mais elevada. De facto, a maior parte delas situa-se extra-muros relativamente aos limites teóricos do recinto urbano romano. Por sua vez, as águas subterrâneas mais profundas só podiam ser captadas mediante poços verticais que obrigavam ao esforço de elevar a água. Além disso, há que estar ciente de que os aquíferos são submetidos a variações na quantidade de água disponível, mais reduzida durante os períodos estivais, sem esquecer que também são suscetíveis de contaminação, sobretudo quando existe uma densa ocupação urbana. Na realidade, em Lisboa o abastecimento de água esteve desde sempre sujeito a limitações e a flutuações, tanto a nível da quantidade como da qualidade das águas. E a estratégia mais simples adoptada pelos romanos para obter um caudal de água constante e abundante consistia na construção de aquedutos que procuravam as melhores fontes na área circundante das cidades, ainda que pudessem ser utilizadas como abastecimento suplementar outros aquíferos existentes no próprio lugar de implantação urbana.

Para o caso de *Olisipo*, foi proposta a existência de um aqueduto a que pertenceriam os restos ainda hoje visíveis na Amadora. As primeiras referências conhecidas a esta estrutura pertencem ao Humanista Francisco de Holanda, em 1571 e, já no início do século XVII, aos engenheiros Pedro Nunes Tinoco e Leonardo Turriano — para mais detalhes sobre as referências históricas do aqueduto romano, v. Moita (1990) e Viegas e Gonzalez (1996). Numa época de escassez de água para a população, estes autores recomendaram que fosse tomada uma medida inspirada no que tinham feito os romanos: restituir a chamada fonte das Águas Livres e conduzi-la por um aqueduto até à cidade, projeto que não se concretizou, como é sabido, até ao século XVIII.

Francisco de Holanda advogou que o aqueduto romano tinha a sua origem na denominada barragem de Belas, situada a 13 km de Lisboa, na ribeira de Carenque, da qual ofereceu inclusivamente uma representação esquemática. Desde então, tem sido assumida a ideia de que esta estrutura constituía o local de captação, o *caput aquæ*, da conduta de adução romana. No entanto, não existem estudos específicos sobre esta barragem, excetuando as breves notas que Fernando de Almeida lhe dedicou em 1969, datando-a de forma genérica e sem grande precisão no século III d.C.. Trata-se de um paredão de dimensões consideráveis, com uma espessura máxima de 7 m, uma altura que ultrapassaria os 8 m e uma extensão da qual ainda se reconhecem cerca de 15,5 m, ao longo dos quais foram dispostos três contrafortes destinados a suportar a pressão da água armazenada (FIG. 3). O seu sistema construtivo, baseado na alvenaria irregular de pedra, não constitui, porém, um elemento de datação seguro, uma vez que este tipo de solução arquitectónica tem sido amplamente utilizada, sem grandes modificações, ao longo de toda a História. Sob o prisma arqueológico, a cronologia da barragem continua, portanto, por confirmar, assim como a sua relação com o aqueduto, cujos vestígios mais próximos se encontram a 3 km a sul, de modo que tampouco se pode assegurar que haja uma relação física direta entre barragem e aqueduto (FIG. 4).

Em suma, o estado atual de conhecimentos não faculta argumentos suficientes para certificar quer a origem romana da barragem de Belas quer a sua ligação ao aqueduto. Tais questões inserem-se dentro de um debate científico, gerado nos últimos anos, sobre a origem e a funcionalidade de muitas das barragens da Península Ibérica tradicionalmente consideradas romanas (Feijoo Martínez, 2006; Moreno Gallo, 2016). Parte desta discussão tem-se centrado na potabilidade da água represada, uma vez que está exposta a todo o tipo de contaminação. Na verdade, sempre houve

consciência dos riscos sanitários de beber água parada, daí que o recurso às barragens e albufeiras para abastecimento urbano só se tenha generalizado a partir dos séculos XIX e XX, como consequência do aumento populacional e da utilização dos sistemas de cloração. Os romanos também tinham noção das diferentes qualidades das águas, como bem demonstram alguns tratadistas latinos, entre eles Vitruvius ou Paladio, que desaconselhavam o uso da água estagnada e recomendavam a captação a partir de nascentes e mananciais, que eram as mais puras para consumo humano (Feijoo Martínez, 2006, p. 234). E a evidência arqueológica demonstra que, regra geral, se optava por estas fontes de abastecimento, tal como o ilustra, em solo português, o caso paradigmático do *castellum* de Alcábalde, torre de captação instalada sobre uma nascente que neste ponto era encanada para abastecer a cidade de *Conimbriga* (Alarcão e Étienne, 1977, p. 51-54).

É indubitável a existência de barragens romanas, se bem que não parece que estivessem preferencialmente destinadas ao abastecimento das cidades, mas sim a usos produtivos onde a qualidade da água era menos relevante ou negligenciável, como a mineração, o regadio e o abastecimento de explorações agropecuárias. Neste sentido, não deixa de surpreender que a albufeira gerada pela barragem de Belas, de acordo com os cálculos de Fernando de Almeida (1969), apenas armazenasse 125.000 m³ de água, uma quantidade muito limitada e, desde logo, absolutamente insuficiente para abastecimento urbano. A ser assim a albufeira esvaziar-se-ia rapidamente, o que implicaria restrições ao uso da água. Outra possibilidade é que tivesse sido pensada para servir um determinado edifício ou edifícios, algo que se afigura, porém, incompatível com o esforço técnico e económico que supõe a construção de um aqueduto de vários quilómetros para chegar até à fonte hídrica.

Face ao exposto, importa colocar a questão se o aqueduto de *Olisipo* poderia ter sido abastecido sem barragem. Se atendermos aos conhecimentos técnicos da época é plausível que sim, uma vez que podiam ser aproveitadas uma, ou várias, nascentes existentes na zona de Belas, tão profusas ao ponto de serem denominadas Águas Livres. Estas seriam, aliás, as mesmas fontes de onde era captada a água pelo aqueduto do século XVIII, o qual, curiosamente, não necessitou de nenhuma barragem. Tal conduta, numa fase inicial, foi abastecida através de nascentes que se encontravam nas Mães da Água Velha e Nova, pese embora com o tempo tenha chegado a dispor de vários troços ou aquedutos subsidiários destinados a transportar a água de novos mananciais (Moita, 1990). Um deles até rompeu uma parte da própria barragem de Belas para abrir passagem à conduta e sobre ela ser instalada uma torre de inspeção.

Esta mesma estratégia assente na procura de distintos pontos de captação foi, de igual modo, amplamente utilizada em Época Romana, pelo que não seria estranho se no futuro viessem a ser localizadas outras galerias que comunicassem com o único troço até agora conhecido do aqueduto. Este último, apesar das notícias que desde o século XVI reportavam a sua existência, só foi identificado a nível arqueológico em 1979, sendo alvo de posteriores trabalhos de limpeza e registo realizados entre 1991 e 1992 (Viegas e Gonzalez, 1994; 1996). No decurso destas intervenções foram documentados 14 sectores que se distribuem, aproximadamente, ao longo de 1.300 m, desde o sul de Carenque até ao bairro da Mina, a este da Amadora, sendo que alguns dos restos ainda hoje se podem reconhecer no terreno.

No trajeto conhecido a conduta dirige-se no sentido norte-sul, avançando pela parte média de uma encosta paralelamente à Ribeira de Carenque, para depois se desviar

para este, adaptando-se ao contorno da própria ladeira e às curvas de nível do terreno. Segue um traçado muito similar ao aqueduto das Águas Livres, que se encontra a uma cota mais alta, a escassos metros do anterior.

O aqueduto romano está muito destruído na maior parte deste traçado, ainda que os vestígios conservados permitam reconhecer as características principais da sua construção (Viegas e Gonzalez, 1994, p. 30-31; 1996, p. 5-7). A estrutura é formada por um embasamento de *opus cæmenticium* (o betão de Época Romana, feito com cal e inertes arenosos e pétreos) com cerca de 25 cm de altura e 1,10 m de largura, assente no terreno sobre um



FIG. 4

Vestígios do aqueduto romano localizado na Amadora (créditos fotográficos: Câmara Municipal da Amadora/ Arquivo do Museu Municipal de Arqueologia, 1980).

enrocamento de regularização constituído por pedra basáltica (FIG. 4). Sobre esta base elevam-se as duas paredes laterais, também em *opus cæmenticiū*, com cerca de 30 cm de largura e 35 cm de altura. Em alguns sectores é ainda possível observar a continuação do alçado das paredes, elaborado com blocos de calcário, de aproximadamente 30 cm de altura. Supondo, como parece ser o caso, que esta sobre-elevação fosse corrente em toda a extensão do aqueduto, a altura mínima da caleira seria então de 60-65 cm, sendo a largura média registada de 40 cm. O interior encontrava-se revestido por uma camada de *opus signinum*, reforçando as juntas laterais com o habitual rebordo convexo destinado a evitar as infiltrações de água e a sedimentação. Em determinados pontos distingue-se nitidamente uma segunda camada de *opus signinum*, cuja presença sugere ser fruto de reparações pontuais, não estendidas a todo o percurso da conduta.

Um elemento interessante a destacar, pese embora hoje não seja visível, diz respeito à existência de uma queda de água, com um desnível de cerca de 70 cm, que permitia a descida acentuada da cota sem aumentar a inclinação da própria caleira acima do que era conveniente (Viegas e Gonzalez, 1994, p. 31-32; 1996, p. 7-8). Ao manter uma leve inclinação na maior parte do percurso do aqueduto, conseguia-se um débito regular, com baixa velocidade de escoamento e erosão mínima do revestimento da caleira. Refira-se que na parte inferior da queda de água foi registada uma acumulação de depósitos de calcite deixados pela água, chegando a ser identificados cerca de 150 depósitos ou camadas. As camadas que compunham os dois terços inferiores apresentavam-se cortadas, sendo de supor que tal tenha ocorrido em operações de limpeza da caleira. Por outro lado, admitindo, conforme fazem os seus descobridores, que a formação destes depósitos teria uma periodicidade anual, a sua acumulação apontaria para uma

utilização do aqueduto durante, pelo menos, um século e meio (Viegas e Gonzalez, 1994, p. 32; 1996, p. 8). Lamentavelmente, não foram publicados dados mais concretos sobre a cronologia, quer da construção, quer do abandono desta infraestrutura hidráulica.

Quanto ao destino e funcionalidade desta conduta, duas explicações podem ser propostas. Em primeiro lugar, considerando que não existe qualquer prova material da continuação do aqueduto em direção a Lisboa, e atendendo a que, como explicam os seus descobridores, não foram reconhecidos vestígios de cobertura (Viegas e Gonzalez, 1994, p. 32; 1996, p. 8-9), poderia considerar-se a hipótese de que seria um canal utilizado para fins agrícolas, pois este tipo de estrutura não precisava de proteção. Neste sentido, chama a atenção o facto de este último troço identificado do canal se orientar em direção à *villa* romana da Quinta da Bolacha, situada apenas a 1.200 m, ainda que esta circunstância possa ser mera casualidade, uma vez que este é também o melhor caminho até Lisboa, constituindo o trajeto seguido pelo aqueduto setecentista das Águas Livres.

A segunda, e a mais provável hipótese, aceite pela maioria dos autores, é que este aqueduto fosse o que abastecia a cidade de *Olisipo*. A necessidade de dispor de grande quantidade de água corrente nesta importante cidade justificaria plenamente, como já foi dito, a construção de um aqueduto, sendo lógico identificá-lo com os restos localizados na Amadora, os únicos conhecidos até à data. É certo que, a nível arqueológico, ainda não foi detetada a continuação desta conduta até Lisboa, provavelmente, em parte, devido às fortes transformações do terreno ocorridas nas últimas décadas em consequência do crescimento urbanístico da área metropolitana. No entanto, o facto de autores como Francisco de Holanda, em finais do século XVI, ou de Pedro Nunes Tinoco e Leonardo Turriano, em inícios do século XVII, coincidirem na ideia de levar a água até Lisboa adoptando o percurso

topográfico do aqueduto romano, pode ser encarado como um indício indireto da sua existência. O próprio Leonardo Turriano, quando em 1620 transmite ao rei quatro propostas possíveis para o encanamento das Águas Livres rumo a Lisboa, refere-se explicitamente ao trajeto do aqueduto romano e à sua extensão até aos pontos altos da cidade: São Roque e Porta de Santo André, pelo que é possível que tivesse algum conhecimento do percurso seguido pela conduta antiga.

Por outro lado, os restos conservados do aqueduto romano demonstram grande cuidado na sua construção e manutenção, sendo a sua morfologia semelhante à de outros aquedutos utilizados para abastecimento urbano. Nestes, era costume a existência de coberturas, pelo que é provável que tal também sucedesse, no aqueduto lisiponense, eventualmente com tijolos ou lajes horizontais, ainda que o degradado estado que apresenta tenha impedido a sua conservação e mesmo da parte superior das paredes. Já as dimensões da conduta sugerem que podia abastecer um aglomerado populacional importante. De facto, segundo as estimativas realizadas pelos seus descobridores, podia transportar um caudal próximo aos 6.400 m³ por dia, o que a equipara, por exemplo, aos níveis de abastecimento de cidades como Pompeia (Viegas e Gonzalez, 1994, p. 33-35; 1996, p. 9-12). Não obstante, há que reconhecer que esta quantidade se refere ao máximo possível e que os valores podiam variar em função da água disponível no terreno. Por isso, não seria de estranhar que existissem vários ramais procedentes de diferentes pontos de captação, como já foi dito.

Tentar estabelecer o percurso seguido pelo aqueduto até *Olisipo*, afigura-se especulativo face à falta de dados históricos e arqueológicos. Através de um modelo digital do terreno foi proposto há alguns anos um trajeto teórico partindo do lugar onde se encontram os primeiros restos conhecidos do aqueduto, até chegar aos dois pontos

onde supostamente terminaria, segundo a informação proporcionada no século XVII por Leonardo Turriano, designadamente, São Roque e Porta de Santo André (Mascarenhas, Bilou e Neves, 2012). Ainda que o primeiro destino seja improvável, por se encontrar bastante afastado do centro urbano de Época Romana, é plausível que pudesse chegar até à Porta de Santo André, lugar com altura suficiente para distribuir a água pela maior parte da cidade. Em todo o caso, a importância desta proposta consiste em demonstrar que era perfeitamente exequível traçar um aqueduto desde a zona de Belas até Lisboa seguindo as curvas de nível e mantendo as inclinações médias conhecidas na Época Romana. O percurso, porém, podia diferir do modelo teórico proposto, pois há que considerar, por um lado, as fortes modificações que tem experimentado a topografia, e por outro, a capacidade que os romanos tinham para reduzir o traçado recorrendo a várias técnicas para vencer acidentes de terreno, entre elas as secções elevadas de arcaria para cruzar vales e rios. Neste sentido, não se pode descartar a hipótese de ter existido uma secção de arcaria para transpor o vale de Alcântara, à semelhança do que sucede no aqueduto das Águas Livres, ainda que, na realidade, não se conheça nenhum vestígio desta natureza.

De igual modo, desconhece-se qual seria o sistema de distribuição da água no interior da cidade. Possivelmente teria existido um *castellum aquæ* ou depósito de distribuição, situado em algum ponto alto da cidade, quiçá na Porta de Santo André, local a partir do qual a água chegaria, sob pressão, aos diferentes destinatários através de uma rede de tubagens. No entanto, é necessário aguardar por futuros achados para obter uma visão mais completa e abrangente tanto deste aspeto como de outras questões aqui tratadas acerca do abastecimento hídrico a *Olisipo*, assunto sobre o qual, na verdade, existem mais dúvidas do que certezas.

Referências

Fontes Manuscritas

- _____. 1773 — *Memórias do Reinado de El rey Dom José*. MC/RES. 0144. Museu de Lisboa.
- _____. 1773 — *Planta dos subterraneos que se acharão abrindo-se o cano da Rua Argentea da cidade de Lisboa no mês de Maio de 1773 oferecida ao Exm^o Sr. Bispo de Beja e tomada no dia 2 de Junho de 1773*. Plantas Arquetónicas, Assuntos Portugueses, Pasta I, Plantas 1 a 4. Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora.
- Andrade, F. M. de (1859) — *Memória acerca d' uns restos de Thermas Romanas existentes em Lisboa, acompanhada de nove desenhos coloridos tirados escrupulosamente sobre os próprios sítios, com a medição correspondente*. Coleção de Reservados, COD. 7619. Biblioteca Nacional de Lisboa.
- Bem, D. T. C. (1790) — *Thermas ou Banhos Cassianos e outros monumentos romanos modernamente descobertos na cidade de Lisboa*. Coleção de Reservados, COD. 104. Biblioteca Nacional de Lisboa.
- Freitas, J. V. de (1859) — *Desenhos a que se refere a memória acerca d'uns restos de Thermas Romanas existentes em Lisboa e a Memória acerca d'uns restos de Thermas Romanas existentes em Lisboa, acompanhada de nove desenhos coloridos tirados escrupulosamente sobre os próprios sítios com medição correspondente*. Coleção de Iconografia, DES. A 8, cota antiga: Ms. II, n.º 162 a, I a VI. Biblioteca Nacional de Lisboa.
- São Lourenço, F. J. de (1780) — *Monumenta Selecta*. Coleção de Reservados, COD. Alcobaça, n.º 395. Biblioteca Nacional de Lisboa.

Fontes Impressas

- Azevedo, L. M. de (1652) — *Primeira parte da fundação, antiguidades e grandezas da mui insigne cidade de Lisboa, e seus varoens illustres em sanctidade, armas, & letras: catalogo de seus prelados, e mais cousas ecclesiasticas, & politicas ate o anno 1147, em que foi ganhada aos Mouros por El Rey D. Afonso Henriquez*. Lisboa: Officina Craesbeckiana.
- Estrabão (2016) — *Estrabão: Geografia. Livro III*. Introdução, tradução do grego e notas de Jorge Deserto e Susana da Hora Marques Pereira. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Holanda, F. de (1571 [1984]) — *De fábrica que falece à cidade de Lisboa*. Introdução, notas e comentários de José da Felicidade Alves. Lisboa: Livros Horizonte.
- Lívio, T. (1993) — *Tito Lívio: História de Roma Ab Vrbe Condita – Livro 1*. Introdução, tradução e notas de Paulo Farmhouse Alberto. Lisboa: Inquérito.
- Plínio-o-Velho (1995) — In Guerra, A. — *Plínio-o-Velho e a Lusitânia*. Lisboa: Colibri.
- Res Gestæ Divi Augusti* (2007) — In Eck, W. — *The Age of Augustus*. Tradução de Sarolta A. Takács. Londres: Blackwell Publishing.
- Suetónio (1979) — *Suetónio: Os Doze Césares*. Tradução e notas de João Gaspar Simões, 3.ª ed.. Lisboa: Presença.
- Vitrúvio (2000) — *Marco Lucio Vitruvio Polión: Los diez libros de Arquitectura*. Tradução de José Luis Oliver Domingo. 2.ª Edição. Madrid: Alianza Editorial.
- Acero, J. (2018) — *La gestión de los residuos en Augusta Emerita: Siglos I a.C-VII d.C.*. (Anejos de Archivo Español de Arqueología; LXXXII). Madrid: CSIC.
- Adam, J.-P. (1996) — *La construcción Romana: materiales y técnicas*. Leon: Editorial de los Oficios.
- Alarcão, J. (1988a) — *Roman Portugal*. II. Wiltshire/Westminster: Aries & Phillips.
- Alarcão, J. de (1988b) — *O domínio romano em Portugal*. Mem-Martins: Publicações Europa-América, Lda.
- Alarcão, J. de (1994) — *Lisboa Romana e Visigótica*. In *Catálogo da Exposição Lisboa Subterrânea. Lisboa Capital Europeia da Cultura '94*. Lisboa/Milão: Electa/Museu Nacional de Arqueologia, p. 58-63.
- Alarcão, J. de (2017) — *A Lusitânia e a Galécia: Do séc. II a.C. ao séc. VI d.C.*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Alarcão, J.; Étienne, R. (1977) — *Fouilles de Conimbriga. I. L'architecture*. Paris: Diffusion E. de Boccard.
- Almeida, D. F. (1962) — *Arte Visigótica em Portugal. O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Série II. 4, p. 5-278.
- Almeida, D. F. de (1969) — *Sobre a barragem romana de Olisipo e seu aqueduto. O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Série III. 3, p. 179-190.
- Almeida, D. F. (1973) — *As chamadas termas romanas da Rua da Prata. Monumentos e Edifícios Notáveis do distrito de Lisboa*. Lisboa: Assembleia Distrital de Lisboa. 1, p. 79-80.
- Almeida, I. M. de (2004) — *Caracterização geológica do Esteiro da Baixa. Monumentos: Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*. Lisboa: Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. 21, p. 152-157.

Estudos

- Amaro, C. (1982) — Casa dos Bicos. Notícia histórico-arqueológica. *Arqueologia*. Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos. 6, p. 96-111.
- Amaro, C. (1995) — Urbanismo tardo-romano no Claustro da Sé de Lisboa. In Gurt, J. M.; Tena, N., eds. — *IV Reunió d'Arqueologia Cristiana Hispànica/IV Reunião de Arqueologia Cristã Hispànica (Lisboa, 1992)*. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans/Universitat de Barcelona/Universidade Nova de Lisboa, p. 337-342.
- Amaro, C. (2002) — Percorso Arqueológico através da Casa dos Bicos. *De Olisipo a Lisboa. A Casa dos Bicos*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, p. 11-27.
- Amaro, C.; Manso, C. R.; Sepúlveda, E. (2013) — Complexo industrial romano de preparados de peixe da Baixa: sua abordagem a partir de dois novos equipamentos. In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., eds. — *Arqueologia em Portugal: 150 anos da Associação dos Arqueólogos Portugueses (1863-2013)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 755-763.
- Andrade, F. M. ([1859] 1963) — Memória acerca dos banhos da Rua dos Fanqueiros em Lisboa (Termas Romanas). In Serpa, E., ed. — *Boletim da Sociedade Portuguesa de Espeleologia*. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Espeleologia. 2.^a Série. 6. I-1. 2.^o Semestre, p. 39-62.
- Arce, J. (2005) — Spain and the African Provinces in the Late Antiquity. In Bowes, K.; Kulikowski, M., eds. — *Hispania in Late Antiquity: Current Perspectives*. Brill Academic: Leiden/Boston, p. 341-361.
- Arce, J. (2009) — *El último siglo de la España romana: 284-409*. Edición actualizada y aumentada. Madrid: Alianza Editorial.
- Arce, J. (2011) — Horrea y aprovisionamento en Hispania (SS. IV-V). In Arce, J.; Goffaux, B., eds. — *Horrea d'Hispaniae et de la Méditerranée Romaine*. Madrid: Casa de Velásquez. 125, p. 287-297.
- Arce, J. (2017) — *Bárbaros y romanos en Hispania (400-507 A.D.)*. 3.^a Edição. Madrid: Marcial Pons Historia.
- Arruda, A. M. (2002) — *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a. C.)* (Cuadernos de Arqueología Mediterránea; 5-6). Barcelona: Universidad Pompeu Fabra.
- Arruda, A. M. (2017) — A Idade do Ferro Orientalizante no vale do Tejo: as duas margens de um mesmo rio. In Celestino Pérez, S.; Rodríguez González, E., eds. — *Territorios comparados: los valles del Guadalquivir, el Guadiana y el Tajo en época tartésica. Mérida (Badajoz), 3-4 de Diciembre de 2015* (Anejos de Archivo Español de Arqueología; LXXX). Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida, p. 283-294.
- Azevedo, P. A. de (1899/1900) — Do Areeiro à Mouraria: topografia histórica de Lisboa. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Série I. V, p. 212-224.
- Balanza, M.; Page, M.; Celdrán, J. (2015) — Las termas del Puerto de Carthago Nova: un complejo augusteo de larga perduración. In López Vilar, J., ed. — *Tarraco Biennal. 2^{on} Congrés Internacional d'Arqueologia i Món Antic: August i les províncies occidentals 2000 aniversari de la mort d'August. Tarragona, 26-29 de Novembre de 2014*. Tarragona: Fundació Privada Mútua Catalana. 2, p. 15-22.
- Barros, A. A. S. (2014) — Os canos na drenagem da rede de saneamento da cidade de Lisboa antes do terramoto de 1755. *Cadernos do Arquivo Municipal*. [Em linha]. 2.^a Série. 1, p. 65-85. [Consult. 16 Jan. 2020]. Disponível em WWW: (URL: <http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/fo-tos/editor2/Cadernos/num1/artigo04.pdf>).
- Bernal, D. (2005) — *Aquæ et Cetariæ* en Roma. Evidencias arqueológicas del suministro hídrico a las factorías salazoneras de la Bética. In López-Geta, J. A.; Rubio Campos, J. C.; Martín-Machuca, M., eds. — *VI Simposio del Agua en Andalucía (Sevilla, 2005)*. Madrid: Instituto Geológico y Minero de España. I, p. 1415-1432.
- Bernal, D.; Arévalo, A.; Díaz, J. J.; Lagóstena, J.; Vargas, J. M.; Lara, M.; Moreno, E.; Sáez, A. M.; Bustamante, M.; Expósito, J. A.; Muñoz, A. (2013) — Las Termas y el *Suburbium* Marítimo de Baelo Claudia. Avance de um recente descubrimiento. *Revista Onoba: revista de arqueología y antigüedad*. Huelva: Universidad de Huelva. 1, p. 115-152.
- Bernal, D.; Vargas, J. M. (2019) — El *Testaccio* haliéutico de Gades. In Bernal, D.; Vargas, J. M.; Lara, M., eds. — *7 metros de la historia de Cádiz... Arqueología en El Olivillo y en el Colegio Mayor Universitario*. Cádiz: Universidad de Cádiz, p. 237-327.
- Blot, M. L. B. H. P. (2003) — *Os portos na origem dos centros urbanos. Contributo para a arqueologia das cidades marítimas e flúvio-marítimas em Portugal* (Trabalhos de Arqueologia; 28). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- Bouet, A. (2000) — Les modèles thermaux et leur diffusion en Gaule. In Fernández Ochoa, C.; García Entero, V., eds. — *II Coloquio Internacional de Arqueología en Gijón: Termas romanas en el Occidente del Imperio. Gijón, 1999* (Serie Patrimonio; 5). Gijón: VTP Editorial, p. 35-46.
- Bouet, A.; Saragoza, F. (2007) — *AMCENITAS URBIUM* et Évergétisme de l'eau: la Fontaine monumentale des thermes de Cluny à Lutèce. *Revue Archéologique*. Paris: Presses Universitaires de France. 1: 43, p. 3-64.
- Brassous, L. (2011) — Les enceintes urbaines tardives de la Péninsule Ibérique. In Schatzmann R.; Martin-Kilcher S., dirs. — *L'Empire romain en mutation: Répercussions sur les villes romaines dans la deuxième moitié du 3^e siècle*. Montagnac: Éditions Mergoïl, p. 275-299.
- Bugalhão, J. (2001) — *A indústria romana de transformação e conserva de peixe em Olisipo: Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros* (Trabalhos de Arqueologia; 15). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

- Bugalhão, J.; Arruda, A. M.; Sousa, E.; Duarte, C. (2013) – Uma necrópole na praia: o cemitério romano do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (Lisboa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural. 16, p. 243-275.
- Bugalhão, J.; Nunes, A.; Gomes, A. S.; Grilo, C.; Fernandes, L.; Fernandes, I.; Cachão, M.; Costa, A. M.; Freitas, M. da C.; Gabriel, S.; Currás, A. (no prelo) – Mosaico romano do NARC, Lisboa: estrutura construtiva, materiais e estratigrafia. *II Encontro de Arqueologia de Lisboa (22-24 de Março de 2018)*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa.
- Bugalhão, J.; Teixeira, A. (2015) – Os canos da Baixa de Lisboa no século XVI: leitura arqueológica. *Cadernos do Arquivo Municipal*. [Em linha]. 2.^a Série. 4, p. 89-122. [Consult. 16 Jan. 2020]. Disponível em WWW: (URL: http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/fotos/editor2/Cadernos/2serie/4/4_art4.pdf).
- Bustamante Álvarez, M.; Heras Mora, F. J. (2013) – Producción anfórica en *Augusta Emerita* (Mérida, Badajoz) y los nuevos hallazgos del solar de la Escuela de Hostelería. In Bernal, D.; Juan, L. C.; Bustamante, M.; Díaz, J. J.; Sáez, A. M., eds. – *Hornos, talleres y focos de producción alfarera en Hispania* (Monografías Ex Officina Hispana; 1). Cádiz: Universidad de Cádiz, p. 331-345.
- Cabaço, N.; Sarrazola, A.; Silva, R. B. S.; Carvalho, L. M. de; Lourenço, M. (2017) – O espaço de necrópole romana das Portas de Santo Antão, Lisboa. In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., eds. – *Arqueologia em Portugal: O estado da questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 1243-1254.
- Caessa, A.; Nozes, C.; Mota, N. (2018) – Uma mesquita no arrabalde Ocidental de *al-Usbuna*. In Andrade, A. A.; Tente, C.; Silva, G. M. da; Prata, S., eds. – *III Jornadas Internacionais de Idade Média: espaços e poderes na Europa Urbana Medieval. Castelo de Vide, 5 a 7 de Outubro de 2017* (Estudos; 18). Castelo de Vide: Câmara Municipal de Castelo de Vide/Instituto de Estudos Medievais, p. 521-535.
- Campos, J. A. C. de (1985) – A propósito das muralhas antigas de Lisboa. *Boletim de Trabalhos Históricos*. Guimarães: Arquivo Municipal Alfredo Pimenta. XXXVI, p. 1-82.
- Cardoso, J. L.; Guerra, A.; Fabião, C. (2011) – Alguns aspectos da mineração romana na Estremadura e Alto Alentejo. In Cardoso, J. L.; Almagro-Gorbea, M., eds. – *Lucius Cornelius Bocchus Escritor Lusitano da Idade de Prata da Literatura Latina* (*Archaeologia Hispanica*; 1/ *Bibliotheca Archaeologica Hispana*; 37). Lisboa/Madrid: Academia Portuguesa da História/Real Academia de la Historia, p. 169-188.
- Carreras, C.; Morais, R., eds. (2010) – *The Western Roman Atlantic Façade: A Study of the Economy and Trade in the Mar Exterior from the Republic to the Principate* (BAR International Series; 2162). Oxford: Archeopress.
- Carvalhinhos, M.; Mota, N.; Miranda, P. (2017) – Indagações arqueológicas na muralha antiga de Lisboa: o lanço Oriental entre a Alcáçova do Castelo e o Miradouro de Santa Luzia (Santa Maria Maior, Lisboa). In *I Encontro de Arqueologia de Lisboa. Uma cidade em escavação. Lisboa, 26-28 de Novembro de 2015*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, p. 298-337.
- Carvalho, P. C.; Matias, D. C.; Almeida, A. P. R.; Ribeiro, C. A.; Santos, F. P.; Silva, R. C. (2010) – Caminhando em redor do *forum* de *Aeminium* (Coimbra, Portugal). In Nogales Basarrate, T., ed. – *Ciudad y foro en Lusitania Romana/ Cidade e foro na Lusitânia Romana* (*Studia Lusitana*; 4). Mérida: Museo Nacional de Arte Romano, p. 69-88.
- Carvalho, P. S. de; Cheney, A. (2007) – A muralha romana de Viseu. A descoberta arqueológica. In Rodríguez Colmenero, A.; Rodá Dellanza, I., eds. – *Murallas de ciudades romanas en el occidente del Imperio. Lucus Augusti como paradigma: actas del Congreso Internacional celebrado en Lugo (26-29, XI, 2005) en el V aniversario de la declaración, por la UNESCO, de la muralla de Lugo como Patrimonio de la Humanidad*. Lugo: Museu Provincial, p. 729-745.
- Casimiro, S.; Silva, R. B. da (2013) – Enterramentos infantis tardo-antigos na Rua de São Nicolau. In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., eds. – *Arqueologia em Portugal: 150 anos da Associação dos Arqueólogos Portugueses (1863-2013)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 859-863.
- Castelo-Branco, F. (1980) – *Breve história da Olisipografia* (Biblioteca Breve; 47). 2.^a Edição. Venda Nova-Amadora: Livraria Bertrand.
- Castilho, J. de ([1884] 1935) – *Lisboa Antiga: Bairros Orientais*. I. 2.^a Edição. Lisboa: Serviços Industriais da Câmara Municipal de Lisboa.
- CIL II = Hubner (1869) e Hubner (1892).
- Croix, R. P. C. (1878) – *Découverte des themes romains de Poitiers*. Tours: Imprimerie Paulk Bouserez.
- Cunliffe, B. (2001) – *Facing the Ocean: The Atlantic and Its People. 8000 BC to AD 1500*. Oxford: Oxford University Press.
- Cunliffe, B. (2008) – *Europe between the Oceans: Themes and variations. 900 BC – AD 1000*. Yale/New Haven/ Londres: Yale University Press.
- Cunliffe, B. (2017) – *On the Ocean: The Mediterranean and the Atlantic from prehistory to AD 1500*. Oxford: Oxford University Press.
- De Man, A. (2011) – *Defesas urbanas tardias da Lusitânia* (*Studia Lusitana*; 6). Mérida: Museu Arqueológico de Arte Romana.
- Dias, M. I.; Prudêncio, M. I.; Gouveia, M. A.; Trindade, M. J.; Marques, R.; Franco, D.; Raposo, J.; Fabião, C.; Guerra, A. (2010) – Chemical tracers of Lusitanian amphorae kilns from the Tagus estuary (Portugal). *Journal of Archeological Science*. [Em linha]. 37: 4, p. 784-798. Disponível em WWW: (URL: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0305440309004178>).

- Dias, M. I.; Trindade, M. J.; Fabião, C.; Sabrosa, A.; Bugalhão, J.; Raposo, J.; Guerra, A.; Duarte, A. L.; Prudêncio, M. I. (2012) — Arqueometria e o estudo das ânforas lusitanas do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (Lisboa) e de centros produtores do Tejo. *Actas do IX Congresso Ibérico de Arqueometria (Lisboa, 2011). Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 19. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, p. 57-70.
- Diogo, A. M. D. (1993) — O teatro romano de Lisboa. Notícia sobre as actuais escavações. *Cuadernos de Arquitectura Romana*. Murcia: Universidad de Murcia. 2, p. 217-224.
- Diogo, A. M. D.; Trindade, L. (1997) — Inscrição romana do Palácio dos Condes de Penafiel. *Ficheiro Epigráfico* (Suplemento de *Conímbriga*). Coimbra: Instituto de Arqueologia. 56, n.º 261.
- Diogo, A. M. D.; Trindade, L. (1999) — Ânforas e *sigillatas* tardias (claras, focenses e cipriotas) provenientes das escavações de 1966/67 do teatro romano de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 2: 2, p. 83-95.
- Diogo, A. M. D.; Trindade, L. (2000) — Vestígios de uma unidade de transformação de pescado descobertos na Rua dos Fanqueiros, em Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 3: 1, p. 181-204.
- Dupré, X.; Remolà, J. A. (2002) — A propósito de la gestión de los residuos urbanos en *Hispania*. *Romula*. Sevilla: Universidad Pablo de Olavide. 1, p. 39-56.
- Encarnação, J. (1973) — Criptopórtico romano no subsolo de Lisboa. *Jornal da Costa do Sol*. Cascais, 01-09-1073. 489, p. 4 e 6.
- Encarnação, J. D'; Leitão, M.; Leitão, V. (2015) — Inscrições de *Olisipo* identificadas na “Cerca Velha”. *Ficheiro Epigráfico* (Suplemento de *Conímbriga*). Coimbra: Instituto de Arqueologia. 131, Inscrições 548-551.
- Fabião, C. (1994) — O monumento romano da rua da Prata. In *Catálogo da Exposição Lisboa Subterrânea: Lisboa Capital Europeia da Cultura '94*. Lisboa/Milão: Electa/Museu Nacional de Arqueologia, p. 67-69.
- Fabião, C. (2004) — Centros Oleiros da Lusitânia: balanço dos conhecimentos e perspectivas de investigação. In Bernal, D.; Lagóstena, L., eds. — *Figlinæ Bæticae. talleres alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana (ss. II a.C. – VII d.C.)*. *Actas del Congreso Internacional, Cádiz, 2003* (BAR International Series; 1266). Oxford: Archeopress. 1, p. 379-410.
- Fabião, C. (2006) — *A herança romana em Portugal*. Lisboa: CTT Correios de Portugal.
- Fabião, C. (2009a) — Cetárias, ânforas e sal: a exploração de recursos marinhos na Lusitânia. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. 17, p. 555-594.
- Fabião, C. (2009b) — O Ocidente da Península Ibérica no Século VI: sobre um *Pentanummius* de Justiniano I encontrado na unidade de produção de preparados de peixe da Casa do Governador da Torre de Belém, Lisboa. *Apontamentos de Arqueologia e Património* [Em linha]. Lisboa: Era Arqueologia. 4, p. 25-50. [Consult. 14 Dez. 2019]. Disponível em WWW: (URL: http://www.nia-era.org/publicacoes/cat_view/1-revista-apontamentos/13-apontamentos-4-2009).
- Fabião, C. (2010) — Modelos forenses nas cidades da *Lusitania*: balanço e perspectiva. In Nogales Bassarrate, T., ed. — *Cidade e Foro na Lusitania Romana (Studia Lusitana; 4)*. Mérida: Museu Nacional de Arte Romano, p. 343-359.
- Fabião, C. (2020) — O azeite da *Bætica* na *Lusitania*: reflexão sobre o actual estado dos conhecimentos a partir das marcas sobre ânforas Dressel 20 e 23. In Revilla Calvo, V.; Aguilera Martín, A.; Pons Pujol, L.; García Sánchez, M., eds. — *Ex Bætica Romam: Homenaje a José Remesal Rodríguez* (Colleció Homenatges; 58). Barcelona: Universidad de Barcelona, p. 701-736.
- Faria, A. M. (1995) — Plínio-o-Velho e o estatuto das cidades privilegiadas hispano-romanas localizadas no actual território português. *Vipasca*. Aljustrel: Câmara Municipal. 4, p. 89-99.
- Faria, A. M. (1999) — Colonização e municipalização nas províncias hispano-romanas: reanálise de alguns casos polémicos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 2: 2, p. 29-50.
- Faria, A. M. (2001) — *Pax Iulia, Felicitas Iulia, Liberalitas Iulia*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 4: 2, p. 351-362.
- Feijoo Martínez, S. (2006) — Las presas y el agua potable en época romana: dudas y certezas. In Moreno Gallo, I., coord. — *Nuevos Elementos de Ingeniería Romana. III Congreso de las Obras Públicas Romanas (Astorga, 2006)*. Salamanca: Junta de Castilla y León, Consejería de Cultura y Turismo, p. 145-166.
- Fernandes, L. (2018) — O teatro romano de Lisboa e a utilização da água como recurso decorativo de encenação de poder. In Fernandes, L., coord. — *Aqva sobre Água*. Exposição temporária. Museu de Lisboa – Teatro Romano. Lisboa: EGEAC/Museu de Lisboa – Teatro Romano, p. 24-39.
- Fernandes, L.; Fernandes, P. A. (2014) — Entre a Antiguidade Tardia e a Época Visigótica: novos dados sobre a decoração arquitetónica na cidade de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural. 17, p. 225-243.
- Fernandes, L.; Marques, A.; Filipe, V.; Calado, M. (2011) — A transformação de produtos piscícolas durante a Época Romana em *Olisipo*: núcleo da Rua dos Bacalhoeiros (Lisboa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural. 14, p. 239-261.
- Fernández Ochoa, C. (1997) — *La muralla romana de Gijón (Asturias)*. Gijón: Electa.
- Fernández Ochoa, C.; Morillo Cerdán, A. (2002) — Entre el prestigio y la defensa: la problemática estratégico-defensiva de las murallas tardorromanas en Hispania. *Anejos de Gladius*. Madrid: Ediciones Polifemo/CSIC. 5, p. 577-589.

- Fernández Ochoa, C.; Morillo Cerdán, A. (2006) — Las puertas en las murallas urbanas en la Hispania tardorromana. In Shattner, T.; Valdéz, F., eds. — *Puertas de ciudades. Tipo arquitectónico y forma artística. Actas del coloquio en Toledo del 25 al 27 de Septiembre 2003*. Mainz/Rhein: Verlag Philipp von Zabern, p. 253-274.
- Fernández Ochoa, C.; Morillo, Á.; Salido Domínguez, J. (2011) — Ciudades amuralladas y *annonae militares* durante el Bajo Imperio en Hispania: una cuestión a debate. In Arce, J.; Goffaux, B., eds. — *Horrea d'Hispanie et de la Méditerranée romaine*. Madrid: Collection de la Casa de Velázquez, p. 265-285.
- Figueiredo, A. B. (1889) — As thermas romanas da Rua Bella da Rainha (vulgo Rua da Prata) em Lisboa. *Revista Archeologica*. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias. III, p. 23-35.
- Figueiredo, C. (2014) — *Relatório de Projecto de Arqueologia Virtual para o Documentário Fundeadouro Romano em Olisipo: reconstituição de Olisipo e de um Navio Romano do tipo Corbita*. [Em linha]. [S.l.]. [Consult. 19 Nov. 2019]. Disponível em: WWW: (URL: http://www.academia.edu/16742787/Relat%C3%B3rio_de_projecto_de_Arqueologia_Virtual_para_o_document).
- Filipe, I. (2011) — *Casa do Governador da Torre de Belém: o caso de uma unidade de produção de preparados de peixe no âmbito da economia romana*. Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. [Em linha]. [Consult. 27 Dez. 2019]. Disponível em WWW: (URL: <http://hdl.handle.net/10451/6121>).
- Filipe, V. (2019) — *Olisipo, o grande porto romano da fachada atlântica. Economia e comércio entre a República e o Principado*. Dissertação de Doutoramento no ramo da História, especialidade Arqueologia. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. [Em linha]. [Consult. 27 Dez. 2019]. Disponível em WWW: (URL: <http://hdl.handle.net/10451/38619>).
- Filipe, V.; Calado, M. (2007) — Ocupação Romana no Beco do Marquês de Angeja, Alfama: evidências de estruturas termais junto da porta Nascente de Olisipo. *Al-Madan online. Adenda electrónica*. II Serie. 15, p. 55-64. [Em linha]. [Consult. 27 Dez. 2019]. Disponível em WWW (URL: [http://www.almadan.publ.pt/AdendaElectronica%20\(geral\).htm](http://www.almadan.publ.pt/AdendaElectronica%20(geral).htm)).
- Filipe, V.; Leitão, M. (2014) — *Edifícios na Rua S. João da Praça e Mãe de Água do Chafariz d'el Rei – Alfama, Lisboa (empreitada nº 8/2002/GLACC). Relatório Final da Intervenção Arqueológica, Outubro de 2004 – Janeiro de 2005*. Arquivo Português de Arqueologia/Direcção-Geral do Património Cultural. Policopiado.
- Filipe, V.; Quaresma, J. C.; Leitão, M.; Almeida, R. R. (2016) — Produção, consumo e comércio de alimentos entre os séculos II e III d.C. em Olisipo: os contextos romanos da Casa dos Bicos, Lisboa (intervenção de 2010). In Járrega, R.; Berni, P., eds. — *Amphoræ ex Hispania: paisajes de producción y consumo. III Congreso Internacional de la Sociedad de Estudios de la Cerámica Antigua (SECAH) – Ex Officina Hispana (Tarragona, 10-13 de diciembre de 2014)* (Monografías Ex Officina Hispania; III). Tarragona: ICAC/SECAH, p. 423-455.
- Filipe, V.; Santos, R. (2017) — Um complexo termal romano na Rua da Adiça (Lisboa). In *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação (Teatro Aberto, 26, 27 e 28 de Nov. de 2015)*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, p. 247-253.
- Fusco, A.; Mañas Romero, I. (2006) — *Mármoles de Lusitania*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.
- García, J. M. (1974-1975) — *Lisboa romana e visigótica (Separata de Olisipo – Boletim do Grupo “Amigos de Lisboa”, n.º 137-138)*. Lisboa: Grupo “Amigos de Lisboa”.
- Gaspar, A.; Gomes, A. (2007) — As Murallas de Olisipo: troço junto ao Tejo. In Rodríguez Colmenero, A.; Rodá Dellanza, I., eds. - *Murallas de ciudades romanas en el occidente del Imperio. Lucus Augusti como paradigma: actas del Congreso Internacional celebrado en Lugo (26-29, XI, 2005) en el V aniversario de la declaración, por la UNESCO, de la muralla de Lugo como Patrimonio de la Humanidad*. Lugo: Museu Provincial, p. 685-698.
- Gaspar, A.; Gomes, A. (2017) — Os espaços públicos de época romana dos Armazéns Sommer. In *Debaixo dos nossos pés. Pavimentos Históricos de Lisboa*. Catálogo de exposição. Lisboa: Museu de Lisboa, p. 104-105.
- González Fernández, E.; Carreño Gascón, M.ª C. (2007) — Las puertas romanas de la muralla de Lugo: los datos arqueológicos. In Rodríguez Colmenero, A.; Rodá Dellanza, I., eds. - *Murallas de ciudades romanas en el occidente del Imperio. Lucus Augusti como paradigma: actas del Congreso Internacional celebrado en Lugo (26-29, XI, 2005) en el V aniversario de la declaración, por la UNESCO, de la muralla de Lugo como Patrimonio de la Humanidad*. Lugo: Museu Provincial, p. 257-280.
- Grilo, C. (2018) — As águas ocultas de Olisipo. In Fernandes, L., coord. — *Aqva sobre Água*. Exposição temporária. Museu de Lisboa – Teatro Romano. Lisboa: EGEAC/Museu de Lisboa – Teatro Romano, p. 6-23.
- Grilo, C.; Fabião, C.; Bugalhão, J. (2013) — Um contexto tardo-antigo do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (NARC), Lisboa. In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., eds. — *Arqueologia em Portugal: 150 anos da Associação dos Arqueólogos Portugueses (1863-2013)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 849-857.
- Guerra, A. (2006) — Os mais recentes achados epigráficos do Castelo de São Jorge. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direcção-Geral do Património Cultural. 9: 2, p. 271-297.

- Hauschild, T. (1990) — Das Roemische Theater von Lissabon. Planaufnahme 1985-1988. *Madrid: Mitteilungen*. Madrid: Philipp von Zabern. 31, p. 348-392.
- Hauschild, T. (1994a) — O teatro romano de Lisboa. In *Catálogo da Exposição Lisboa Subterrânea. Lisboa Capital Europeia da Cultura '94*. Lisboa/Milão: Electa/Museu Nacional de Arqueologia, p. 64-66.
- Hauschild, T. (1994b) — Murallas de Hispania en el contexto de las fortificaciones del área occidental del Imperio Romano. In Dupré X., coord. — *La ciutat en el món romà/ La ciudad en el mundo romano. Actas del XIV Congreso Internacional de Arqueología Clásica. Tarragona, 5 al 11-9-1993*. Madrid: CSIC. 1, p. 223-232.
- Heras, F. J.; Bustamante, M.; Olmedo, A. B. (2011) — El vertedero del suburbio norte de *Augusta Emerita*. Reflexión sobre la dinámica topográfica en el solar de la calle Almendralejo n.º 41. In Remolà, J.-A.; Acero, J., eds. — *La gestión de los residuos urbanos en Hispania* (Anejos de Archivo Español de Arqueología; LX). Mérida: CSIC, p. 345-360.
- Hourcade, D.; Doulan, C.; Laüt, L.; Rocque, G.; Sicard, S. (2011) — À l'ouest d'*Augustoritum*, du nouveau sur Cassinomagus (Chassenon, Charente). *Siècles: Cahiers du Centre d'histoire «espaces et cultures»*. [Em linha]. Université Blaise-Pascal de Clermont-Ferrand: Presses Universitaires Blaise-Pascal. 33-34, p. 1-16. [Consult. 2 Dez. 2019]. Disponível em WWW: (URL: <http://siecles.revues.org/777>).
- Hubner, E., ed. (1869) — *Inscriptiones Hispaniae Latinae (Corpus Inscriptionum Latinarum; II)*. Berlim: Academiae Litterarum Regiae Borussiae.
- Hubner, E., ed. (1892) — *Inscriptiones Hispaniae Latinae: Supplementum (Corpus Inscriptionum Latinarum; II)*. Berlim: Academiae Litterarum Regiae Borussiae.
- Lancaster, L. (2008) — Roman engineering and construction. In Oleson, J. P., ed. — *The Oxford Handbook of Engineering and Technology in the Classical World*. Oxford: University Press, p. 256-284.
- Leitão, M. (2014) — Muralhas de Lisboa. *Revista Rossio. Estudos de Lisboa*. [Em linha]. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. 3, p. 66-79. [Consult. 21 Nov. 2019]. Disponível em WWW: (URL: https://issuu.com/gabinete.estudos.olisiponenses/docs/rossio_3_issuo).
- Leitão, M.; Leitão, V. (2016) — *Pátio da Sr.ª de Murça — PSM 07 (Rua de S. João da Praça, 18). Relatório da intervenção arqueológica*. Arquivo Português de Arqueologia/ Direcção-Geral do Património Cultural. Policopiado.
- Lemos, F. S. (2007) — A muralha romana (Baixo Império) de *Bracara Augusta*. In Rodríguez Colmenero, A.; Rodá Dellanza, I., eds. — *Murallas de ciudades romanas en el occidente del Imperio. Lucus Augusti como paradigma: Actas del Congreso Internacional celebrado en Lugo (26-29, XI, 2005) en el V aniversario de la declaración, por la UNESCO, de la muralla de Lugo como Patrimonio de la Humanidad*. Lugo: Museu Provincial, p. 327-341.
- Le Roux, P. (2014) — *Os territórios romanos de Portugal no Alto Império/Les territoires romains du Portugal au Haut-Empire*. *Revista do Museu de Arqueologia da Universidade de São Paulo* (Suplemento; 19). São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Macias Solé, J. M., ed. (2004) — *Les Termes Publiques de L'àrea Portuària de Tàrraco, Carrer de Saint Miquel de Tarragona* (Sèrie Documenta; 2). Tarragona: Institut Català d'Arqueologia Clàssica.
- Maciel, J. (1993-1994) — A propósito das chamadas conservas de água da Rua da Prata. *Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra. 32-33, p. 145-156.
- Maia, M. (1973) — Actividades da APOM. *Associação Portuguesa de Museologia — Informações*. Lisboa: APOM. 3, p. 4-8.
- Mañás Romero, I. (2008) — Canteras de Lusitania. Un análisis arqueológico. In Nogales Basarrate, T.; Beltrán Fortes, J., eds. — *Marmora hispana: explotación y uso de los materiales pétreos en la Hispania Romana* (Hispania Antigua. Serie Arqueológica; 2). Roma: "L'Erma" di Bretschneider, p. 483-522.
- Mantas, V. G. (1976) — Notas acerca de três inscrições de *Olisipo*. *Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra. 15, p. 151-169.
- Mantas, V. G. S. (1990) — As cidades marítimas da Lusitânia. In *Les villes de Lusitanie romaine. Hiérarchies et territoires* (Collection de la Maison de Pays Ibériques; 42). Paris: CNRS, p. 149-205.
- Mantas, V. G. S. (1999) — *Olisipo* e o Tejo. In *Actas das Sessões do II Colóquio Temático «Lisboa Ribeirinha» (Padrão dos Descobrimentos, 2 a 4 de Julho de 1997)*. Lisboa: Divisão de Arquivos da Câmara Municipal de Lisboa, p. 15-41.
- Mantas, V. G. S. (2012) — A estrada romana de *Olisipo* a *Scallabis*. Traçado e vestígios. In *Cira Arqueologia*. [Em linha]. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 1, p. 7-23. Disponível em WWW: (URL: <https://www.cm-vfxira.pt/pages/317>).
- Maraval, P. (1997) — *Le Christianisme de Constantin à la conquête arabe* (Nouvelle Clio: l'histoire et ses problèmes). Paris: PUF.
- Marques, J. A.; Sabrosa, V.; Santos, V. (1997) — Estrato romano da Avenida Ribeira das Naus (Lisboa). *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II Série. 6, p. 166-167.
- Martins, F. J. R. (1909) — Lisboa subterrânea — as thermas romanas da Rua da Prata. *Ilustração Portuguesa. Jornal O Século*. Lisboa. 8, p. 481-488.
- Martins, P. V. (2014) — O Anfiteatro Romano de Lisboa: hipótese de localização através de uma leitura tipomorfológica do tecido urbano. *Revista Rossio. Estudos de Lisboa*. [Em linha]. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. 4, p. 162-173. [Consult. 21 Nov. 2019]. Disponível em WWW: (URL: https://issuu.com/gabinete.estudos.olisiponenses/docs/rossio_4_issuo).

- Mascarenhas, J. M.; Bilou, F.; Neves, N. S. (2012) – O aqueduto romano de *Olisipo*: viabilidade ou utopia? Ensaio de traçado apoiado em modelação geográfica. *Revista Portuguesa de História*. Coimbra: Universidade de Coimbra. 43, p. 239-264.
- Miguez, J.; Sarrazola, A. (2017) – Rua de Santiago, Lisboa: tanques romanos na requalificação do edifício sito no n.º 10-14. In *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação (Teatro Aberto, 26, 27 e 28 de Nov. de 2015)*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, p. 70-83.
- Miró i Ailax, C. (2014) – Las Termas Marítimas de la Colonia Barcino. In Álvarez Martínez, J. M.; Nogales Basarrate, T.; Rodà de Llanza, I., eds. – *Actas del XVIII Congreso Internacional Arqueología Clásica: Centro y periferia en el mundo clásico*. Mérida: Museu Nacional de Arte Romano. I, p. 879-882.
- Moita, I. (1970) – O Teatro Romano de Lisboa. *Revista Municipal*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. 124-125, p. 3-33.
- Moita, I. (1977) – *As termas romanas da Rua da Prata em Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- Moita, I., dir. (1990) – *D. João V e o abastecimento de água a Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- Moita, I. (1990) – O aqueduto das Águas Livres e o abastecimento de água a Lisboa. In *Catálogo da Exposição D. João V e o abastecimento de água a Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, p. 9-66.
- Moita, I. (1994) – O domínio romano. In Moita, I., coord. – *O Livro de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte/Lisboa 94, p. 35-68.
- Moita, I.; Leite, A. C. (1986) – Recuperar *Olisipo* a partir de Lisboa: possibilidades e limitações. *I Encontro de Arqueologia Urbana. Setúbal, 1985* (Trabalhos de Arqueologia; 3). Lisboa: Instituto Português do Património Cultural, p. 55-67.
- Morales Gil, A. (1992) – Orígenes de los regadíos españoles: estado actual de una vieja polémica. In Gil de Olcina, A.; Morales Gil, A., eds. – *Hitos históricos de los regadíos españoles* (Estudios; 68). Madrid: Ministerio de Agricultura, Pesca y Alimentación, p. 15-47.
- Moreno Gallo, I. (2016) – Roman Water Supply Systems. New Approach. In Wiplinger, G., ed. – *De aqueductu atque aqua urbium Lyciae Pamphylicae Pisidiae: The Legacy of Sextus Julius Frontinus* (BABesch Supplements; 27). Leuven: Peeters, p. 117-125.
- Morillo, A.; Fernández Ochoa, C.; Salido Domínguez, J. (2016) – *Hispania* and the Atlantic route in Roman times: new approaches to ports and trade. *Oxford Journal of Archaeology*. Oxford. 35: 3, p. 267-284.
- Mota, N.; Carvalhinhos, M.; Miranda, P. (2018) – A Cerca Velha de Lisboa da Antiguidade Tardia e Idade Média: novas leituras a partir das fontes arqueológicas. In Andrade, A. A.; Tente, C.; Silva, G. M. da; Prata, S., eds. – *Jornadas Internacionais de Idade Média: espaços e poderes na Europa Urbana Medieval. Castelo de Vide, 5 a 7 de Outubro de 2017* (Estudos; 18). Castelo de Vide: Câmara Municipal de Castelo de Vide/Instituto de Estudos Medievais, p. 495-520.
- Mota, N.; Grilo, C.; Almeida, R. R. de; Filipe, V. (2016/2017) – Apontamento crono-estratigráfico para a topografia histórica de *Olisipo*. A intervenção arqueológica na Rua de São Mamede (via pública – 19), Santa Maria Maior, Lisboa. *Cira Arqueologia*. [Em linha]. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 5, p. 149-206. [Consult. 14 Nov. 2019]. Disponível em WWW: (URL: https://issuu.com/cmvmfx/docs/cira_5).
- Mota, N.; Martins, P. V. (2018) – Criptopórtico Romano de Lisboa: arqueologia e arquitetura de uma estrutura portuária (um esboço preliminar). In *Meios, vias e trajetos... entrar e sair de Lisboa* (Fragmentos de Arqueologia de Lisboa; 2). Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa/Sociedade de Geografia de Lisboa, p. 78-101.
- Mota, N.; Pimenta, J.; Silva, R. B. da (2014) – Acerca da ocupação romana republicana de *Olisipo*: os dados da intervenção na Rua do Recolhimento, n.ºs 68-70. In *Atas do Congresso Conquista e Romanização do Vale do Tejo. Cira Arqueologia*. [Em linha]. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 3, p. 149-177. [Consult. 14 Nov. 2019]. Disponível em WWW: (URL: <https://issuu.com/cmvmfx/docs/cira3online>).
- Muralha, J.; Costa, C.; Calado, M. (2002) – Intervenções Arqueológicas na Encosta de Sant'Ana (Martim Moniz, Lisboa). *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. IIª Série. 11, p. 245-246.
- Muralha, J.; Leitão, M. (1998) – *Relatório dos trabalhos arqueológicos realizados na Praça do Município*. Processo S-11381. Arquivo Português de Arqueologia/Direcção-Geral do Património Cultural. Policopiado.
- Neto, N.; Rebelo, P.; Ávila, R.; Gomes, A.; Alexandra, G. (no prelo) – As Muralhas de Lisboa: O exemplo dos Antigos Armazéns Sommer. In *II Encontro de Arqueologia de Lisboa*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa.
- Oliveira, C. M. B. M. B. (2008) – *Memória das águas de Alfama*. Dissertação de Mestrado em Estudos do Património. [Em linha]. Lisboa: Departamento de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Aberta. [Consult. 27 Jan. 2020]. Disponível em WWW: (URL: <http://hdl.handle.net/10400.2/688>).
- Parreira, J.; Macedo, M. (2013) – O fundeadouro romano da Praça D. Luís I. In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., eds. – *Arqueologia em Portugal. 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 747-754.
- Pimenta, J. (2007) – A importação de ânforas de preparados piscícolas em *Olisipo* (Séculos II-I a.C.). In Lágostena, L.; Bernal, D.; Arévalo, A., eds. – *Actas del Congreso Internacional Cetariæ. Salsas y salazones de pescado en Occidente durante la Antigüedad, Universidad de Cádiz, 7- 9 Noviembre de 2005* (BAR International Series; 1686). Oxford: Archeopress, p. 221-233.
- Pimenta, J. (2014) – Os contextos da conquista: *Olisipo* e *Decimo Jvnio Bruto*. In *Atas do Congresso Conquista e Romanização do Vale do Tejo. Cira Arqueologia*. [Em linha]. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 3, p. 44-60 [Consult. 14 Nov. 2019]. Disponível em WWW: (URL: <https://issuu.com/cmvmfx/docs/cira3online>).

- Pimenta, J.; Calado, M.; Leitão, M. (2005) — Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa: as ânforas da sondagem n.º 2 da Rua de São João da Praça. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 8: 2, p. 313-334.
- Pimenta, J.; Gaspar, A.; Gomes, A.; Mota, N.; Miranda, P. (2014) — O estabelecimento romano republicano de *Olisipo*: estrutura e contextos do Beco do Forno do Castelo, Lote 40 (nº 16-20) — Lisboa. In *Atas do Congresso Conquista e Romanização do Vale do Tejo. Cira Arqueologia*. [Em linha]. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 3, p. 122-148. [Consult. 18 Mar. 2016]. Disponível em WWW: (URL: <http://issuu.com/cmvmfx/docs/cira3online>).
- Pinheiro, H.; Santos, R.; Rebelo, P. (2017) — Contextos romanos identificados na Frente Ribeirinha de Lisboa. In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., eds. — *Arqueologia em Portugal. 2017 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 1293-1304.
- Quaresma, J. C. (no prelo) — Late contexts from *Olisipo* (Lisbon, Portugal): Escadinhas De São Crispim. In *Ceramics and Atlantic Connections: Late Roman and early medieval imported pottery on the Atlantic Seaboard*. New Castle. 26-27th March 2014.
- Quaresma, J. C.; Silva, R. B.; Bettencourt, J.; Fonseca, C.; Sarrazola, A.; Carvalho, R. (2017) — As ânforas romanas da nova seda da EDP (Lisboa). In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., eds. — *Arqueologia em Portugal. 2017 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 1305-1311.
- Quintela, A. de C.; Cardoso, J. L.; Mascarenhas, J. M. (1987) — *Aproveitamentos hidráulicos romanos a Sul do Tejo: contribuição para a sua inventariação e caracterização*. [s.l.]: Ministério do Plano e da Administração do Território.
- Ramalho, E. C.; Lourenço, M. C. (2006) — As águas de Alfama – memórias do passado da cidade de Lisboa. *Revista da Associação Portuguesa de Recursos Hídricos*. [Em linha]. 26, p. 101-112. [Consult. 27 Jan. 2020]. Disponível em WWW: (URL: <http://repositorio.lneg.pt/bitstream/10400.9/445/1/33608.pdf>).
- Pizzo, A. (2010) — *Las técnicas constructivas de la arquitectura pública de Augusta Emerita* (Anejos de Archivo Español de Arqueología; LVI). Mérida: CSIC/ Instituto de Arqueología de Mérida.
- Prudêncio, M. I. (2005) — OREsT Project: late Roman pottery productions from the Lower Tejo. In Gurt i Esparraguera, J. M.; Buxeda i Garrigós, J.; Cau Ontiveros, M. A., eds. — *Late Roman Coarse Wares, Cooking Wares and Amphorae in the Mediterranean: Archaeology and Archaeometry* (BAR International Series; 1340). Oxford: Archaeopress, p. 37-54.
- Prudêncio, M. I.; Dias, M. I.; Raposo, J.; Gouveia, M. A.; Fabião, C.; Guerra, A.; Bugalhão, J.; Duarte, A. L.; Sabrosa, A. (2003) — Chemical Characterisation of Amphorae from the Tagus and Sado Estuaries Production Centres (Portugal). In Di Pierro, S.; Serneels, V.; Maggetti, M., eds. — *Ceramic in the Society. Fribourg (Proceedings of the EMAC'01)*. Fribourg: University of Fribourg.
- Ribeiro, J. C. (1994a) — Breve nota acerca do criptopórtico de *Olisipo* e da possível localização do fórum corporativo. In *Encontro de Arqueologia Urbana. Braga, 1994. Bracara Augusta: Revista Cultural da Câmara Municipal de Braga*. Braga: Câmara Municipal de Braga. XLV: 96 — 110, p. 191-200.
- Ribeiro, J. C. (1994b) — *Felicitas Iulia Olisipo* — Algumas considerações em torno do Catálogo Lisboa Subterrânea. *Al-Madan. Especial Arqueologia na Região de Lisboa*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II Série. 3, p. 75-95.
- Ribeiro, J. C. (1994c) — Criptopórtico. In Santana, F.; Sucena, E., dirs. — *Dicionário da História de Lisboa*. Lisboa: Carlos Quintas & Associados/Lisboa 94, p. 321-324.
- Ribeiro, J. C. (2019) — *Escrever Sobre a Margem do Oceanus: Epigrafia e Religio no Santuário do Sol Poente (Província Lusitania) (Sylloge Epigraphica Barcinonensis, Anexos; III)*. Barcelona/Galerada: Universidad de Barcelona.
- Ribeiro, O. (1986) — *Portugal o Mediterrâneo e o Atlântico*. 4.ª Edição. Lisboa: Sá da Costa.
- Ribeiro, R. A.; Neto, N.; Rebelo, P. (2017) — Os pavimentos romanos dos antigos Armazéns Sommer (campanha de 2014-2015). In *Debaixo dos nossos pés. Pavimentos Históricos de Lisboa*. Catálogo de exposição. Lisboa: Museu de Lisboa, p. 106-111.
- Ribeiro, R. A.; Neto, N.; Rebelo, P.; Rocha, M. (2017) — Dados preliminares de uma intervenção arqueológica nos antigos armazéns Sommer (2014-2015). Três mil anos de história da cidade de Lisboa. In *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação (Teatro Aberto, 26, 27 e 28 de Nov. de 2015)*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, p. 223-245.
- Ribeiro, R. A.; Neto, N.; Rebelo, P. (2019) — As mil e uma cidades de Lisboa nos antigos Armazéns Sommer. *Revista Rossio. Estudos de Lisboa*. [Em linha]. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. 8, p. 156-169. [Consult. 24 Nov. 2019]. Disponível em WWW: (URL: https://issuu.com/camara_municipal_lisboa/docs/rossio_estudos_de_lisboa_n8).
- Rocha, A.; Reprezas, J.; Miguez, J.; Inocêncio, J. (2013) — Edifício Sede do Banco de Portugal em Lisboa. Um primeiro balanço dos trabalhos arqueológicos. In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., eds. — *Arqueologia em Portugal: 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 1011-1018.
- Ruiz Bueno, M. D. (2018) — *Dinámicas topográficas urbanas en Hispania: El espacio intramuros entre los siglos II y VII d.C.*. Bari: Edipuglia.

- Rykwert, J. (2002) — *The idea of a town: The Anthropology of urban form in Rome, Italy and the Ancient World*. Princeton: Princeton University Press.
- Sabrosa, A. (2006) — O Complexo Mineiro de Vale de Gatos (Corroios Seixal). *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II Série. 14, p. 53-59.
- Salvado, J. (1965) — Segredos que Lisboa guarda. *Diário de Notícias*. Lisboa. 06-07-1965. 35 683: 101, p. 2 e 15.
- Salvado, J. (1967) — Os romanos tomavam banho onde hoje é a Rua Augusta. *Flama. Diário de Notícias*. Lisboa: 24: 1012, p. 4-5.
- Salvado, S. (1994) — Lisboa. Evolução: período romano. In Santana, F.; Sucena, E., eds. — *Dicionário da História de Lisboa*. Lisboa: Carlos Quintas & Associados/Lx94, p. 503-509.
- Sanchez, C.; Jézégou, M.-P., eds. (2016) — *Les ports dans l'espace méditerranéen antique. Narbonne et les systèmes portuaires fluvio-lagunaires* (Revue Archéologique de Narbonnaise; Supplément 44). Montpellier/Lattes: Éditions de l'Association de la Revue Archéologique de Narbonnaise.
- Sánchez-Palencia, J.; Currás, B. X. (2017) — Minería del oro y explotación del territorio en *Lusitania*: estado de la investigación. In Nogales, T., ed. — *Lusitania Romana: del pasado al presente de la investigación*. Actas IX Mesa Redonda Internacional de Lusitania (Museo Arqueológico Nacional, 29-30 septiembre 2016). Mérida: Museo Nacional de Arte Romano, p. 393-415.
- Santos, A. B. (2015) — *A Terra Sigillata e a Cerâmica de Cozinha Africana do Edifício Sede do Banco de Portugal (Lisboa)*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. [Em linha]. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. [Consult. 27 Dez. 2019]. Disponível em WWW: (URL: <http://hdl.handle.net/10451/24534>).
- Sarrazola, A.; Simão, I. (2013) — *Relatório Final dos trabalhos arqueológicos na Rua da Madalena, 54-60 (Lisboa)*. ERA, Arqueologia. Processo S-34959. Arquivo Português de Arqueologia/Direcção-Geral do Património Cultural. Policopiado.
- S/ Autor (1937) — Os segredos do sub-solo de Lisboa. *O Século*. Lisboa: Sociedade Nacional de Tipografia. 25 de Julho.
- Sepúlveda, E.; Amaro, C. (2007) — Casa dos Bicos 25 anos depois: marcas de oleiro em *terra sigillata*. *Al-Madan online. Adenda electrónica*. [Em linha]. II Série. 15, p. 45-53. [Consult. 27 Dez. 2019]. Disponível em WWW: (URL: [http://www.almadan.publ.pt/AdendaElectronica%20\(geral\).htm](http://www.almadan.publ.pt/AdendaElectronica%20(geral).htm)).
- Sepúlveda, E.; Gomes, N.; Silva, R. B. (2003) — Intervenção arqueológica urbana na Rua dos Douradores/Rua de S. Nicolau (Lisboa), 1: a *terra sigillata*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 6: 2, p. 401-414.
- Sepúlveda, E.; Vale, A.; Sousa, V.; Santos, V.; Guerreiro, N. (2002) — A cronologia do circo de *Olisipo*: a *terra sigillata*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 5: 2, p. 245-275.
- Sequeira, G. M. (1934a) — A excursão ao subsolo da Rua da Prata. *O Século*. Lisboa: Sociedade Nacional de Tipografia. 24 de Agosto. 18 839, p. 1-2.
- Sequeira, G. M. (1934b) — Hoje às 10 horas inicia se a exploração das Conservas de Água da Rua da Prata. *O Século*. Lisboa: Sociedade Nacional de Tipografia. 25 de Agosto. 18 840, p. 1 e 3.
- Sequeira, G. M. (1934c) — Os subterrâneos da Rua da Prata. *O Século*. Lisboa: Sociedade Nacional de Tipografia. 26 de Agosto. 18 841, p. 1 e 7.
- Sequeira, G. M. (1934d) — O subsolo de Lisboa. *O Século*. Lisboa: Sociedade Nacional de Tipografia. 27 de Agosto. 18 842, p. 1-2.
- Sequeira, G. M. (1934e) — Os segredos do subsolo lisboeta. *O Século*. Lisboa: Sociedade Nacional de Tipografia. 28 de Agosto. 18843, p. 1.
- Sequeira, G. M. (1967) — *Depois do terramoto. Subsídios para a história dos bairros ocidentais de Lisboa*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa. IV, p. 304-308.
- Silva, A. V. (1922) — Um tubo de drenagem romano encontrado numa escavação em Lisboa. *O Arqueólogo Português*. 1.ª Série. 25, p. 180-183.
- Silva, A. V. da (1934) — As termas romanas da Rua da Prata em Lisboa. *Anaes das Bibliotecas Museus e Arquivo Histórico Municipais*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. IV: 13, p. 19-29 [reeditado em (1996) — *Dispersos de Augusto Vieira da Silva*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. II, p. 309-320].
- Silva, A. V. da (1944) — *Epigrafia de Olisipo: Subsídios para o estudo da Lisboa Romana*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- Silva, A. V. da (1987) — *A Cerca Moura de Lisboa*. 3.ª Edição. Lisboa: Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa.
- Silva, H.; Filipe, I. (2013) — *Relatório Final dos Trabalhos Arqueológicos. Escadinhas de São Crispim, 3-3A. Escavação Arqueológica*. Lisboa. Processo S-34675. Arquivo Português de Arqueologia/Direcção-Geral do Património Cultural. Policopiado.
- Silva, R. B. (1997) — As sepulturas da Calçada do Garcia e o urbanismo de *Olisipo*. *Actas do 3º Encontro Nacional de Arqueologia Urbana (Almada, 20 a 23 de Fevereiro de 1997)* (Monografias Arqueologia). Almada: Câmara Municipal de Almada, Divisão de Museus, p. 193-205.
- Silva, R. B. (1999) — Urbanismo de *Olisipo*: a zona ribeirinha. In *Actas das Sessões do II Colóquio Temático «Lisboa Ribeirinha» (Padrão dos Descobrimentos, 2 a 4 de Julho de 1997)*. Lisboa: Divisão de Arquivos da Câmara Municipal de Lisboa, p. 43-65.
- Silva, R. B. da (2002) — Sepulturas da Calçada do Garcia (Lisboa) e o urbanismo de *Olisipo*. In *Actas do 3º Encontro de Arqueologia Urbana. Almada, 20 a 23 de Fevereiro de 1997*. Almada: Câmara Municipal de Almada, p. 193-205.

Silva, R. B. (2005) — *As “marcas de oleiro” em terra sigillata da Praça da Figueira: uma contribuição para o conhecimento da economia de Olisipo (séc. I a.C. — séc. II d.C.)*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. [Em linha]. Braga: Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho. [Consult. 27 Dez. 2019]. Disponível em WWW: (URL: <http://hdl.handle.net/1822/8130>).

Silva, R. B. (2011) — *Olisipo*. In Remolà, J.-A.; Acero, J., eds. — *La gestión de los residuos urbanos en Hispania* (Anejos de Archivo Español de Arqueología; LX). Mérida: CSIC/ Instituto de Arqueología de Mérida, p. 203-212.

Silva, R. B. (2012) — *As “marcas de oleiro” na terra sigillata e a circulação dos vasos na Península de Lisboa*. Dissertação de Doutoramento em História, especialidade Arqueologia. [Em linha]. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. [Consult. 27 Dez. 2019]. Disponível em WWW: (URL: <http://hdl.handle.net/10362/9472>).

Silva, R. B. da (2014) — Intervenção arqueológica urbana de 1993 na Fundação Ricardo Espírito Santo Silva/ Largo das Portas do Sol (Lisboa): as evidências do período romano. In *Atas do Congresso Conquista e Romanização do Vale do Tejo. Cira Arqueologia*. [Em linha]. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 3, p. 178-199. [Consult. 18 Mar. 2016]. Disponível em WWW: (URL: <http://issuu.com/cmvmfx/docs/cira3online>).

Silva, R. B. (2018) — La “facies” cerámica de *Olisipo* (Lisboa) en el periodo julio-claudio: una primera aproximación a partir de contextos suburbanos seleccionados. In Ruiz Montes, P.; Peinado Espinosa, M.^a V.; Fernández García, M.^a I., eds. — *Estudios para la configuración de las facies cerámicas altoimperiales en el Sur de la Península Ibérica* (Roman and Late Antique Mediterranean Pottery; 11). Oxford: Archeopress, p. 3-31.

Silva, R. B.; De Man, A. (2015) — Palácio dos Condes de Penafiel: A significant Late Antique context from Lisbon. In Gonçalves, M.^a J.; Gómez-Martínez, S., coords. — *Actas do X Congresso Internacional “A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo”* (Silves – Mértola, 22 a 27 de outubro 2012). Silves: Câmara Municipal de Silves/ Campo Arqueológico de Mértola, p. 397-402.

Silva, R.; Santos, V. (2017) — As termas romanas às portas de Alfama. In *I Encontro de Arqueologia de Lisboa. Uma cidade em escavação. Lisboa, 26 – 28 de Novembro de 2015*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, p. 247-253.

Silva, R. B. da; Valongo, A. (2017) — A urbanística do Subúrbio Ocidental de *Felicitas Iulia Olisipo* (Lisboa): um contributo da I.A.U. da Rua do Ouro, nº 133-145. *Cira Arqueologia*. [Em linha]. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 5, p. 116-148. Disponível em WWW: (URL: https://www.cm-vfxira.pt/cmvmfxira/uploads/document/file/1328/CIRA_5.pdf).

Vale, A.; Fernandes, L. (2017) — O Circo Romano de *Olisipo*: exemplos de revestimentos. In *Debaixo dos nossos pés. Pavimentos Históricos de Lisboa*. Catálogo de exposição. Lisboa: Museu de Lisboa, p. 124-127.

Valongo, A.; Pimenta, J. (2017) — Os achados arqueológicos. In *31 Cordão Lisboa. Um edifício com história*. Lisboa: Eon – Indústrias Criativas, p. 75-117.

Viegas, J. C. G.; Gonzalez, A. G. B. (1994) — Aqueduto romano da Amadora. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II Série. 3, p. 29-35.

Viegas, J. C. G.; Gonzalez, A. G. B. (1996) — *O aqueduto romano da Amadora* (Relatórios; 2). Amadora: Gabinete de Arqueologia Urbana da Amadora.

Recursos electrónicos

Amphorae ex Hispania. Tarragona: Institut Català d'Arqueologia Clàssica. Disponível em WWW: (URL: <http://amphorae.icac.cat/>)

Apontamentos de Arqueologia e Património. Lisboa: Núcleo de Investigação Arqueológica, Era Arqueologia. Disponível em WWW: (URL: http://www.nia-era.org/publicacoes/cat_view/1-revista-apontamentos/13-apontamentos-4-2009).

Cadernos do Arquivo Municipal de Lisboa. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. Disponível em WWW: (URL: http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/fotos/editor2/Cadernos/2serie/4/4_art4.pdf).

Cahiers du Centre d'Histoire «Espaces et Cultures». Clermont-Ferrand: Université Blaise-Pascal. Disponível em WWW: (URL: <http://siecles.revues.org/777>).

Cira Arqueologia. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Disponível em WWW: (URL: <https://issuu.com/cmvmfx/docs/cira3online>).

Ramppa — Indústria Conserveira na Antiguidade. Cádiz: Universidad de Cádiz. Disponível em WWW: (URL: <http://ramppa.uca.es/>).

Rossio. Estudos de Lisboa. Lisboa: Gabinete de Estudos Olisiponenses, Câmara Municipal de Lisboa. Disponível em WWW: (URL: https://issuu.com/gabinete.estudos.olisiponenses/docs/rossio_4_issuu).

Lista de Autores

ANA CAESSA

Centro de Arqueologia de Lisboa/
Câmara Municipal de Lisboa.
ana.caessa@cm-lisboa.pt

CARLOS FABIÃO

Uniarq: Centro de Arqueologia
da Universidade de Lisboa.
cfabiao@campus.ul.pt

JESÚS ACERO PÉREZ

Uniarq: Centro de Arqueologia
da Universidade de Lisboa.
Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
alconetar@hotmail.com

MANUELA LEITÃO

Departamento de Património Cultural/
Câmara Municipal de Lisboa.
manuela.m.leitao@cm-lisboa.pt

NUNO MOTA

Centro de Arqueologia de Lisboa/
Câmara Municipal de Lisboa.
nuno.miguel.mota@cm-lisboa.pt

NUNO NETO

Neoépica Lda.
neoepica@gmail.com

PAULO REBELO

Neoépica Lda.
neoepica@gmail.com

PEDRO VASCO MARTINS

FormaUrbis LAB/CIAUD - Centro
de Investigação em Urbanismo
e Design/Faculdade de Arquitetura
da Universidade de Lisboa.
pedro.v.martins@campus.ul.pt

RICARDO RIBEIRO

Neoépica Lda.
neoepica@gmail.com

VASCO LEITÃO

Centro de Arqueologia de Lisboa/
Câmara Municipal de Lisboa.
vasco.leitao@cm-lisboa.pt

VICTOR FILIPE

Uniarq: Centro de Arqueologia
da Universidade de Lisboa.
victor.filipe7@gmail.com

Projeto Lisboa Romana *Felicitas Iulia Olisipo*

PELOURO DA CULTURA
Catarina Vaz Pinto

DIREÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA
Manuel Veiga

DEPARTAMENTO DE PATRIMÓNIO DA CULTURA
Jorge Ramos de Carvalho

CENTRO DE ARQUEOLOGIA DE LISBOA
António Marques

COORDENAÇÃO GERAL
Jorge Ramos de Carvalho

GESTÃO DE PROJETO
Inês Morais Viegas (coord.) – DPC/DMC/CML
António Marques – CAL/DPC/DMC/CML
Cristina Nozes – CAL/DPC/DMC/CML
Manuel Oleiro – EGEAC

PARCEIROS DO PROJETO
ArqueoHoje – Arqueologia, Conservação e Gestão de Património Lda.; Câmara Municipal de Alcochete; Câmara Municipal de Alenquer; Camara Municipal de Almada; Câmara Municipal da Amadora; Câmara Municipal

de Arruda dos Vinhos; Câmara Municipal de Cascais; Câmara Municipal de Loures; Câmara Municipal de Mafra; Câmara Municipal de Moita; Câmara Municipal de Oeiras; Câmara Municipal de Palmela; Câmara Municipal de Seixal; Câmara Municipal de Sesimbra; Câmara Municipal de Sintra; Câmara Municipal de Torres Vedras; Câmara Municipal de Vila Franca de Xira; Centro de Arqueologia de Almada; Direção-Geral do Património Cultural (DGPC); DGPC/ Direção Regional de Cultura do Norte; DGPC/ Museu Nacional de Arqueologia (MNA); EGEAC – Cultura em Lisboa (Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural E.M.); Empark Portugal – Empreendimentos e Exploração de Parques, S.A.; Empatia – Arqueologia Lda.; Eon – Indústrias Criativas Lda.; Eurostar Museum Hotel (Lisboa); Era – Arqueologia, Conservação e Gestão de Património S.A.; Geopark/Naturtejo da Meseta Meridional; Geopark/UNESCO/Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura; Hotel Governador (Belém, Lisboa)/ NaulHotels & Resorts; Museu Arqueológico do Carmo/ Associação dos Arqueólogos Portugueses; Museu do Dinheiro/ Banco de Portugal; Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS); Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (NARC)/ Fundação Millennium BCP; Neoépica – Arqueologia e Património Lda.; Quinta de S. Sebastião. Arruda dos Vinhos| Since 1755.; The 7 Hotel (Lisboa); Veiga de Mago – Sociedade

de Serviços Financeiros e Investimentos Lda.; Egas Moniz - Cooperativa de Ensino Superior/ Instituto Universitário Egas Moniz e Centro de Investigação Interdisciplinar Egas Moniz (CIIEM); Universidade de Aveiro - Unidade de Investigação em Governança, Competitividade e Políticas Públicas; Universidade de Coimbra/ Faculdade de Letras/ Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património (CEAACP); Universidade de Évora/ Laboratório Hércules; Universidade de Lisboa/ Faculdade de Arquitetura/ Forma Urbis LAB; Universidade de Lisboa/ Faculdade de Ciências/ Departamento de Geologia; Universidade de Lisboa/ Faculdade de Letras/ Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ); Universidade de Lisboa/ Faculdade de Letras/ Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa (CEC); Universidade de Lisboa/ Faculdade de Letras/ Instituto de História de Arte (ARTIS); Universidade de Lisboa/ Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP); Universidade Nova de Lisboa/ Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Instituto de Estudos Medievais (IEM); Universidade Nova de Lisboa/ Faculdade de Ciências Sociais e Humanas /Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA); Universidade Nova de Lisboa/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Departamento de História de Arte.

Livro

TÍTULO
Lisboa Romana | *Felicitas Iulia Olisipo*
A Morfologia Urbana

COORDENAÇÃO DO VOLUME
Carlos Fabião - UNIARQ: CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

INVESTIGAÇÃO E AUTORIA
Ana Caessa
Carlos Fabião
Jesús Acero Pérez
Manuela Leitão
Nuno Mota
Nuno Neto
Paulo Rebelo
Pedro Vasco Martins
Ricardo Ribeiro
Vasco Leitão
Victor Filipe

REVISÃO DO VOLUME
Carlos Fabião - UNIARQ: CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA
Ana Sofia Antunes - CAL/DPC/DMC/CML
Inês Morais Viegas - DPC/DMC/CML

COORDENAÇÃO DA EDIÇÃO
Ana Sofia Antunes – CAL/DPC/DMC/CML
Cristina Nozes – CAL/DPC/DMC/CML
Inês Morais Viegas (coord.) – DPC/DMC/CML

DESIGN GRÁFICO
José Ribeiro

ISBN
978-989-658-662-1

DATA DE EDIÇÃO
2020

DEPÓSITO LEGAL
463308/19

TIRAGEM
1.500 exemplares

EDIÇÃO
CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

CALEIDOSCÓPIO - EDIÇÃO E ARTES GRÁFICAS, SA
Telef.: (+351) 21 981 79 60
Fax: (+351) 21 981 79 55
caleidoscopio@caleidoscopio.pt
www.caleidoscopio.pt

ENDEREÇO DE EMAIL DO PROJETO
lisboaromana@cm-lisboa.pt

FACEBOOK:
<https://www.facebook.com/lisboaromanaLX/>

INSTAGRAM
<https://instagram.com/lisboaromana>

TWITTER
twitter.com/LisboaRomana